



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**MARIA JOSÉ FERNANDES DA SILVA**

**CONTRIBUIÇÕES DO LATIM PARA A FORMAÇÃO LEXICAL DO PORTUGUES  
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL II**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2019**

**MARIA JOSÉ FERNANDES DA SILVA**

**CONTRIBUIÇÕES DO LATIM PARA A FORMAÇÃO LEXICAL DO PORTUGUES  
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

**Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2019**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

S586c Silva, Maria José Fernandes da.  
Contribuições do latim para a formação lexical do português brasileiro:  
uma análise do livro didático do ensino fundamental II / Maria José  
Fernandes da Silva. - Cajazeiras, 2019.  
52f.: il.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.  
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP,  
2019.

1. Português brasileiro. 2. Variação lexical. 3. Latim. 4. Língua  
portuguesa - história. 5. Livro didático. I. Silva, Abdoral Inácio da. II.  
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de  
Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 811.134.3

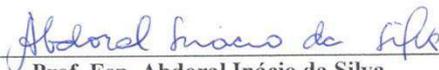
MARIA JOSÉ FERNANDES DA SILVA

CONTRIBUIÇÕES DO LATIM PARA A FORMAÇÃO LEXICAL DO  
PORTUGÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DO  
ENSINO FUNDAMNETAL II

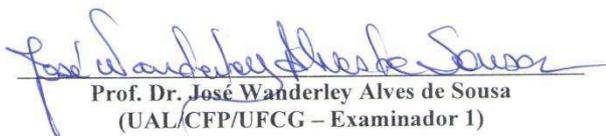
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de  
Formação de Professores da Universidade  
Federal de Campina Grande – *Campus* de  
Cajazeiras - como requisito de avaliação  
para obtenção do título de licenciado em  
Letras.

Aprovado em: 09/12/2019

Banca Examinadora:



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva  
(UAL/CFP/UFCG – Orientador)



Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa  
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)



Prof.ª Dr.ª Hérica Paiva Pereira  
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)

A minha querida mãe, Maria Alice (in memoriam), cujo sonho era ver esse momento concretizando-se, no entanto Deus a recolheu.

Com carinho, **DEDICO!**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que guia meus passos, e a quem sou grata pelo que eu tenho, e tudo o que alcancei até agora.

A minha irmã Claudia, ao meu sobrinho Bruno e ao meu cunhado Antônio pelo incentivo e apoio no decorrer dessa minha jornada.

Ao meu orientador Abdoral Inácio da Silva, pela sua disponibilidade, ensinamentos e incentivos que me motivaram a desenvolver esse trabalho.

A professora Hérica Paiva pela sua contribuição no desenvolvimento do pré-projeto dessa pesquisa.

Ao professor José Wanderley, pela sua contribuição na disciplina de estágio curricular supervisionado, a qual me proporcionou valiosas contribuições para esse trabalho.

Aos professores que ministram as disciplinas do Curso, pelo conhecimento mediado com tanta dedicação e presteza.

Aos meus colegas e amigos do curso pelo apoio nos estudos e pelos momentos de descontração que passamos juntos em especial, Artur Alexandre, Eliziana de Souza, Ezequiany Layane, Micaelly Santos e Thalia Silva.

*“Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses.”*  
**(Marcos Bagno)**

## RESUMO

Esta pesquisa foi feita com o propósito de analisar o livro didático Português Linguagens, dos autores Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, do 6º ano do ensino fundamental II, exemplar do discente. Tendo como finalidade verificar como está sendo abordado o contexto histórico sobre a formação lexical do português brasileiro desde a sua origem no latim, bem como o grau de relevância dado as variações lexicais que contribuíram com a formação da língua portuguesa. Ao identificar a ausência dos conteúdos supracitados temos o intuito de promover uma reflexão sobre importância de conhecer o percurso histórico da língua portuguesa até a formação do nosso idioma; o português brasileiro bem como apresentar alternativas para que esse assunto seja trabalhado de maneira mais aprofundado e contextualizado. O objetivo geral dessa pesquisa consiste em evidenciar numa perspectiva histórica as contribuições do Latim a formação lexical do português brasileiro. Além dos específicos que se tratam de realçar a importância do latim para a formação do português brasileiro; analisar como o livro didático aborda a formação lexical do português brasileiro; propor a partir de uma proposta aplicável ao 6º ano do ensino fundamental II, o aprofundamento da importância do latim para a formação lexical do português brasileiro. Essa pesquisa foi desenvolvida com um estudo bibliográfico e documental através de uma abordagem descritiva e qualitativa. Para reunir as informações nos fundamentamos nos estudos de Joaquim Mattoso Câmara Junior (1976), Serafim da Silva Neto (1976), Sílvio Elia (2003), Marcos Bagno (2011), Ismael Coutinho (2011), Maria Cristina de Assis (2011), entre outros que refletem sobre a temática aqui posta em estudo. No entanto após a análise do livro didático fica evidente que essa ferramenta é empregada como a única fonte de pesquisa e apresenta lacunas no que se refere à contextualização do processo de formação da língua portuguesa bem como as variações lexicais que favoreceram a formação do nosso idioma: O português brasileiro.

**Palavras-chaves:** Latim. História da Língua Portuguesa. Português Brasileiro. Variação Lexical. Livro didático.

## ABSTRACT

This research was made with the purpose of analyzing the textbook Portuguese Languages, by the authors Willian Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães, from the 6th grade of elementary school II, exemplary of the student. In order to verify how the historical context about the lexical formation of Brazilian Portuguese is being approached since its origin in Latin, as well as the degree of relevance given the lexical variations that contributed to the formation of the Portuguese language. By identifying the absence of the aforementioned contents we intend to promote a reflection on the importance of knowing the historical course of the Portuguese language until the formation of our language; Brazilian Portuguese as well as to present alternatives for this subject to be dealt with in a deeper and contextualized way. The general objective of this research is to highlight in a historical perspective the contributions of Latin to the lexical formation of Brazilian Portuguese. Besides the specifics, it is important to emphasize the importance of Latin for the formation of Brazilian Portuguese; analyze how the textbook approaches the lexical formation of Brazilian Portuguese; propose from one applicable to the 6th grade of elementary school II, the deepening of the importance of Latin for the lexical formation of Brazilian Portuguese. This research was developed with a bibliographic and documentary study through a descriptive and qualitative approach. To gather the information we are based on the studies of Joaquim Mattoso Câmara Junior (1976), Serafim da Silva Neto (1976), Silvio Elia (2003), Marcos Bagno (2011), Ismael Coutinho (2011), Maria Cristina de Assis (2011), among others that reflect on the subject here studied. However after the analysis of the textbook it is evident that this tool is used as the only source of research and presents gaps regarding the contextualization of the process of formation of the Portuguese language as well as the lexical variations that favored the formation of our language: The Brazilian Portuguese.

**Keywords:** Latin. History of the Portuguese Language. Brazilian Portuguese. Lexical Variation. Textbook.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Mapa da Península Ibérica.....	20
Figura 2	- Mapa da Península Ibérica: perda do domínio Romano.....	24
Figura 3	- Testamento de D. Afonso.....	27
Figura 4	- Capa do livro didático.....	34
Figura 5	- Sumário: Unidade 1 e 2 do livro didático.....	35
Figura 6	- Sumário: Unidade 3 do livro didático.....	35
Figura 7	- Sumário: Unidade 1 do livro didático.....	36
Figura 8	- Apresentação do Capítulo 2 do livro didático.....	37
Figura 9	- A língua em foco / As variedades linguísticas.....	38
Figura 10	- Questionamentos.....	38
Figura 11	- As línguas que existem no mundo.....	40
Figura 12	- Falar bem é falar adequadamente.....	41
Figura 13	- A língua portuguesa no mundo.....	42
Figura 14	- Expressões típicas da região Nordeste.....	43
Tabela 1	- Latim clássico e latim vulgar.....	21

## SÚMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>1 A FORMAÇÃO LEXICAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ALGUNS ENFOQUES TEÓRICOS.....</b>	<b>15</b>
1.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O LATIM CLÁSSICO E O LATIM VULGAR....	17
1.2 A OCUPAÇÃO DOS ROMANOS NA PENINSULA IBÉRICA.....	20
<b>2 A FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA: DAS ORIGENS ÀS ABORDAGENS ATUAIS.....</b>	<b>23</b>
2.1 DO GALEGO PORTUGUÊS AO PORTUGUÊS MODERNO.....	25
2.2 O PORTUGUÊS ARCAICO.....	27
2.3 O PORTUGUÊS MODERNO.....	28
2.4 A EXPANSÃO MARÍTIMA DE PORTUGAL E O ESTABELECIMENTO DO MÉTODO DE EDUCAÇÃO.....	30
2.5 A EDUCAÇÃO JESUÍTA NO BRASIL.....	32
<b>3 A FORMAÇÃO LEXICAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE NO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL II .....</b>	<b>35</b>
3.1 PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	46
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

Para compreender uma língua é preciso entender desde a sua estrutura aos seus aspectos particulares. Para isso, precisamos saber a sua origem, quais povos falavam, a partir de qual idioma evoluiu, e quais são as influências linguísticas e culturais sofridas. Nós brasileiros temos um idioma rico e diversificado: o português brasileiro, e como se sabe a sua gênese não se sucedeu em nossas terras. Esse idioma possui uma origem remota que está ligada ao processo de formação da língua portuguesa.

A língua portuguesa é uma língua viva e enquanto fator social possui laços que estão diretamente ligados à identidade, cultura e história de uma nação, bem como a língua latina que não só influenciou, mas sofreu a influência de diversos idiomas e dialetos que favoreciam cada vez mais o léxico do latim. Sabemos que o léxico é formado por todas as palavras de uma língua, logo, este não é estático. Desse modo, a formação lexical de uma língua está sempre aberta às transformações, ao apagamento ou a substituição de algumas palavras. Esse fenômeno acontece, frequentemente, em nosso cotidiano, realizando o principal objetivo da língua que é a comunicação.

Levando em conta o estudo da formação lexical, tem se discutido sobre as transformações da língua e sobre a sua formação ao longo do tempo. Na maioria das vezes ou quase sempre isso acontece em artigos acadêmicos, trabalhos de conclusão de curso, revistas etc. Nesse contexto, vale ressaltar que essa abordagem sobre a formação lexical bem como as transformações da língua portuguesa quase ou nunca está presente no livro didático. Partindo para realidade escolar (ensino fundamental e médio), os estudos sobre a formação lexical estão voltados para um processo muito limitado, baseados na gramática tradicional, deixando uma lacuna enorme não só sobre a formação lexical do português brasileiro, mas também sobre o contexto histórico do nosso idioma.

Observando o cenário escolar nos dias atuais nós percebemos que o ensino é quase sempre baseado no livro didático com conteúdos gramaticais seguidos de exercícios e pouca análise textual, havendo assim uma escassez de estudo do conteúdo sobre a formação lexical do português brasileiro mais contextualizado. Visto que, o sistema de ensino está mais atualizado, o livro didático não é mais a única ferramenta de aprendizagem, mas as escolas ainda trabalham na perspectiva da gramática tradicional. O planejamento escolar e o livro didático apresentam assuntos limitados às classes de palavras, aos gêneros textuais, interpretação textual dentre outros. Ao adentrar-se no estudo da língua portuguesa é preciso mais que isso, pois, deixamos de lado a importância de estudar os fatos históricos que

promoveram a origem do nosso idioma e a sua implantação no Brasil. Levando em consideração os fatos mencionados, isso nos leva a observar o quanto o estudo da língua portuguesa está desprovido de uma abordagem mais contextualizada sobre a formação lexical do português brasileiro. Esse conteúdo, além de relevante para o aluno conhecer e valorizar a sua identidade nacional, facilitaria o entendimento tanto da formação de palavras quanto do contexto histórico e ainda esclareceria os motivos pelos quais falamos o português do Brasil e não o português de Portugal.

Pela observação dos aspectos analisados fica evidente que o estudo sobre a formação de palavras sem um contexto histórico ou mesmo que esse seja apresentado de forma muito breve, esse processo de ensino torna-se contraditório e incompleto. O aluno estuda sobre as classes de palavras ou sobre gêneros textuais, mas não sabe ou não aprende quase nada sobre a origem do seu próprio idioma, conhecendo muito pouco ou quase nada sobre a nossa língua materna. Por essa razão, este trabalho tem como objetivo analisar o contexto histórico e a formação lexical do português brasileiro no livro didático do ensino fundamental II, e ao identificar as possíveis falhas ou até mesmo a ausência de conteúdos, serão desenvolvidas alternativas e intervenções didáticas para que esse assunto seja trabalhado de maneira mais aprofundada e contextualizada.

O estudo da língua portuguesa tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio está voltado apenas para os estudos gramaticais, o domínio da norma culta e a literatura, deixando uma grande lacuna em relação ao estudo da origem e à formação de palavras do português brasileiro, um conteúdo pouco desenvolvido no livro didático. Diante desse problema, levantamos o seguinte questionamento; Como trabalhar a formação lexical do português brasileiro, no 6º ano do ensino fundamental II? Muitas vezes o conteúdo é trabalhado de maneira breve e descontextualizada, o livro didático quase não apresenta o conteúdo sobre a formação lexical do português brasileiro, por isso a dificuldade de se compreender como as palavras são formadas na língua portuguesa. Esses conteúdos são trabalhados quase, ou apenas na gramática histórica.

A fim de solucionar tais indagações dessa pesquisa, desenvolveu-se o objetivo geral que consiste em: O objetivo geral dessa pesquisa consiste em: Evidenciar numa perspectiva histórica as contribuições do Latim a formação lexical do português brasileiro. Além dos específicos que se tratam de realçar a importância do latim para a formação do português brasileiro; analisar como o livro didático aborda a formação lexical do português brasileiro; propor a partir de uma sequência didática aplicável ao 6º ano do ensino fundamental II, o aprofundamento da importância do latim para a formação lexical do português brasileiro

Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, através de uma abordagem descritiva e qualitativa, que está ancorada a leituras que nos ofereceram informações para o desenvolvimento desse trabalho. Nessa pesquisa, pretende-se descrever as características e experiências dos estudos realizados sobre a formação lexical do português brasileiro, tendo como suporte uma análise do livro didático de Língua Portuguesa, Linguagem do 6º ano do ensino fundamental II de William Cereja e Thereza Cochar (2015). Pretendemos observar como está sendo trabalhado o processo de formação da língua portuguesa, o contexto histórico da origem da língua portuguesa e os fatores que contribuíram para a formação do português brasileiro. Nesse sentido, a pesquisa está fundamentada nas ideias de Joaquim Mattoso Câmara Junior (1976), Serafim da Silva Neto (1976), Sílvio Elia (2003), Marcos Bagno (2011), Ismael Coutinho (2011), Maria Cristina de Assis (2011), entre outros que refletem sobre a temática aqui posta em estudo.

A organização desse trabalho está desenvolvida em três capítulos. No primeiro, apresentamos a fundamentação teórica que nos serviu como base para o desenvolvimento desta pesquisa, discorrendo sobre a diferença das modalidades do latim clássico e do latim vulgar bem como as suas contribuições para formação da língua portuguesa. Discorreremos de maneira sucinta sobre a ocupação dos romanos na Península Ibérica e como ocorreu o processo de romanização. Nesse capítulo, enfatizamos ainda sobre a importância da linguagem informal e suas contribuições para a expansão do latim vulgar e como essa modalidade do latim era transmitida para diversas regiões.

No segundo capítulo, a discussão será voltada para a formação da língua portuguesa e os povos que habitavam a Península Ibérica. Versamos sobre a importância do contato linguístico e a evolução do latim vulgar, com uma abordagem sobre a Galiza: uma região que deu origem à língua portuguesa a partir das diferenciações ocorridas no Português durante as fases contínuas do galego português, português arcaico e o português moderno. Discorreremos também sobre a expansão marítima portuguesa no Brasil, o estabelecimento do método de educação e os fatores que contribuíram para a formação do nosso idioma: o português brasileiro. E finalmente, no terceiro capítulo, apresentamos uma análise de como estão sendo abordados os conteúdos sobre a formação lexical do português brasileiro no livro didático, especialmente do 6º ano do Ensino Fundamental II. Nesse capítulo, apresentaremos sugestões para as falhas encontradas no capítulo dois da unidade um do livro didático dos autores: William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. E por fim as considerações finais. Dessa forma, estaremos colaborando com o professor na sua prática pedagógica e no processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa.

## **1 A FORMAÇÃO LEXICAL DO PORTUGUES BRASILEIRO: ALGUNS ENFOQUES TEÓRICOS**

Atualmente vivemos em um mundo globalizado em que nos comunicamos através de variados meios de comunicação. Diariamente dialogamos, cumprimentamos uns aos outros, trocamos mensagens, escrevemos textos e fazemos publicações nas redes sociais. De um modo geral, realizamos uma infinidade de atividades por meio da linguagem e do nosso idioma: o português, que está vinculado a nossa língua e nos possibilita essa ação essencial da comunicação.

Nesse contexto, podemos nos perguntar: como surgiu o nosso idioma? O português originou-se do latim vulgar, falado por pessoas comuns, enquanto o latim clássico era privilégio apenas para os nobres. Segundo Mattoso (1979), a Língua Portuguesa pertence a uma família de línguas neolatinas, ambas com as suas origens ligadas ao latim especificamente na cidade de Roma. “A língua portuguesa, como várias outras do mundo moderno ocidental, pertence ao grupo das línguas ditas ‘românicas’, ou ‘neolatinas’, que tem o seu ponto de partida no latim, a língua do Lácio na Itália Antiga ou mais especificamente na cidade de Roma” (MATTOSO, 1979, p. 12). A língua portuguesa, além de possuir uma vasta riqueza histórica, ela possui uma grande variedade de dialetos regionais e sociais. Nesse contexto, Mattoso (1979) nos afirma que a diferenciação dialetal explica-se, sempre, em parte, pela história cultural e política e pelos movimentos de população. Por outra parte, pelas próprias forças da linguagem humana que tendem a cristalizar as variações e criar a dialeção.

É importante salientar que o português não foi adotado apenas no Brasil, pois esse idioma foi distribuído em outros países como: Portugal, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Brasil, Moçambique, Timor Leste, São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial. Em cada um desses países, existem diferentes modos de falar, principalmente nos países africanos. Pessoas de etnias e dialetos diferentes se unem formando grupos que dão origem a novas formações lexicais. Outro fator importante na implantação do nosso idioma foram as contribuições africanas, que se iniciaram e cresceram em escala cada vez mais crescente, com o tráfico dos negros africanos, como escravos para o Brasil. De acordo com Mattoso (1979), muitos africanos de diferentes nações se distribuíram pelos grandes latifúndios e centros urbanos e proporcionaram o desenvolvimento do português crioulo. Todas essas línguas são resultadas da evolução do latim, que foi dividido como latim clássico: a base da língua escrita e literária usado pela nobreza e o latim vulgar usado pela plebe que fazia o uso da linguagem oral, mais

aberta à possibilidade de novos vocábulos e novos dialetos provindos dos variados modos de como falamos. Para Mattoso (1979) o latim vulgar é o que corresponde essencialmente ao conceito de língua viva, enquanto o latim clássico só se caracterizava como língua viva através das influências que recebia do latim vulgar e se tornava com isso, mais flexível e um pouco dinâmico. Apoiando-se nessa discussão chegamos à conclusão de que a formação lexical de uma língua não depende unicamente da norma culta, ou do que está posto nos dicionários. A linguagem informal, o jeito popular como as pessoas se comunicam em seu cotidiano, em outras palavras o “latim vulgar”, contribuiu consideravelmente na formação lexical da sociedade romana de tal forma que as pessoas perderam o costume de falar o latim clássico, aumentando assim o número de falantes do latim vulgar.

Nesse mesmo âmbito, podemos incluir o galego português, que foi um sistema linguístico que ocupou grande parte da Península Ibérica com uma grande variedade de dialetos provindos de outras regiões, e que enriqueceu a literatura. Quanto às influências trazidas pelos portugueses para a nossa língua materna, Marcos Bagno (2011) ressalta que precisamos acabar com as comparações entre o português brasileiro e português europeu, sem que necessariamente neguemos o nosso passado e a nossa história. Da mesma forma que não podemos medir a nossa língua com base em Portugal, o português brasileiro está entranhado em nós, é o que nos caracteriza. Desse modo, é certo dizermos que, embora tenhamos o idioma em comum com outros países, o português brasileiro possui suas características próprias, pois temos línguas indígenas, africanas, línguas de imigrantes, falares regionais específicos presentes em nosso cotidiano. Quanto aos aspectos culturais são esses registros distintos, e as situações particulares do funcionamento da língua, como formal ou coloquial, que caracterizam a nossa diversidade cultural linguística.

Essas características estão no cerne da nossa língua materna, dessa forma, seria impossível a formação de um léxico com base no modelo europeu implantado no Brasil. Isso nos leva ao entendimento de que não poderíamos falar o português de Portugal se tínhamos uma variedade de línguas nativas já existentes nas terras brasileiras, bem como as influências africanas trazidas pelos portugueses (os escravos), e os imigrantes. Dentro dessa ótica, fica claro que temos um espaço lexical muito particular, por isso, se torna necessário o estudo histórico da formação lexical do português brasileiro voltado para o campo didático, já que, na maioria das vezes, esse conteúdo é tratado de maneira muito breve e descontextualizado. Sabendo que a gênese da língua portuguesa está na língua latina, no próximo tópico apresentaremos algumas diferenças nas modalidades do latim clássico e do latim vulgar, a forma como a variedade linguística contribuiu para a expansão desse idioma.

## 1.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O LATIM CLÁSSICO E O LATIM VULGAR

A princípio existia apenas o latim, o idioma falado em Roma. E como toda sociedade, Roma estava dividida por classes sociais: A elite, conhecida também como burguesia, que era formada basicamente por aqueles que dominavam a escrita e usavam a linguagem formal limitada apenas a classe elitizada e aos literários aproximando-se ao máximo da perfeição. A outra classe pertencia a uma camada social inferior, conhecida como a plebe e não se preocupava com a escrita ou a linguagem formal. Eram indiferentes a língua culta, pois não se prendiam às regras gramaticais e frequentavam as escolas para aprenderem apenas o essencial para a comunicação diária.

Na população romana falava-se o latim de uma maneira muito diversificada e espontânea, resultado do contato linguístico entre os povos de diferentes regiões. Esses povos estavam divididos por classe sociais, bem como seus modos de falar: o latim clássico era falado pela elite, enquanto a língua vulgar era falada pelo povo: a plebe. Havia uma resistência ao uso do latim vulgar, pois, a classe nobre queria a permanência do modelo formal, seletivo e intencionalmente culto que o latim clássico representava. Sobre o latim clássico e o latim vulgar, Coutinho (2011, 1976, p. 29-30) nos traz a seguinte definição:

Diz-se Latim Clássico a língua escrita, cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos. Caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo, numa palavra, por aquilo que Cícero chamava, com propriedade, a urbanitas. [...]. Chama-se Latim Vulgar o Latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana, inicialmente e depois de todo o Império Romano. Nestas classes estava compreendida a imensa multidão das pessoas incultas que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que não tinham preocupações artísticas e literárias, que encaravam a vida pelo lado prático, objetivamente.

Como descrito por Coutinho, o latim clássico representa a língua literária apurada a mais próxima da perfeição. Essa língua está ligada às obras dos escritores mais renomados da época como é o caso de Cícero, um grande representante de Roma, advogado, político, escritor, orador, filósofo que teve uma grande influência na língua latina, nas escolas e no vocabulário filosófico, introduzindo a arte da escrita refinada e transformando o latim numa língua erudita, útil e abstrata.

O autor menciona o termo ‘urbanitas’ usado por Cícero para falar sobre as pessoas que habitavam a zona urbana, em suas cartas enviadas a pessoas públicas e privadas para as quais escrevia com muita intensidade sobre diversos assuntos. Ainda faziam parte desses relatos a

queda da monarquia, assuntos públicos, culturais. Ao relatar sobre o latim clássico, Cícero referenciava o uso dessa língua a pessoas que têm um gosto maior pela cidade, os cidadãos, que falavam a língua culta longe de qualquer rusticidade e que mantinham a cultura literária escolar.

Vale salientar que, o latim clássico representava a elite e esses não se importavam com os problemas sociais da classe humilde de Roma, muito menos com a variedade linguística que essa classe humilde utilizava. Diante disso, essas atitudes são um tanto contraditórias, pois, uma língua representada por literários e escritores (latim clássico) se opuseram a uma língua rica em variações e dialetos, (latim vulgar).

Ainda convém lembrar que o latim vulgar foi formado por uma multidão de povos culturalmente e socialmente distintos que habitavam Roma. Esses povos traziam consigo uma grande variedade linguística eram pessoas incultas de diferentes regiões. Portanto, podemos afirmar que seria impossível toda a população romana falar uma única língua. Coutinho (2011) nos traz uma passagem de Cícero, que em uma de suas cartas ao seu amigo Paeto faz o uso do latim vulgar. Isso nos confirma o quão grande e espontâneo é o poder de uma língua viva. A citação abaixo nos confirma que nem o grande mestre da prosa, o incentivador dos grandes iluministas, resistia a essa variedade do latim.

Quid tibi ego videor in epistulis? nonne plebio sermone agere tecum? ... Causas agimus subtilius, ornatius; epistulas vero cotidianis verbis texere solemus” (1). “Que tal me achas nas cartas? Parece que uso contigo a língua vulgar, pois não é? ... nos discursos aprimoro mais; nas cartas, porém, teço as frases com expressões cotidianas (COUTINHO, 2011, p. 29).

O latim vulgar representa a soma de todas as línguas faladas na camada social mais humilde de Roma, que como já foi mencionado estava linguisticamente dividida por duas línguas: o latim clássico e o latim vulgar. No processo de invasão dos europeus a Península Ibérica, a língua levada por esses povos era o latim vulgar que ao se misturar com as línguas dos povos nativos e imigrantes que habitavam a da Península Ibérica, expandiu-se tanto que contribuiu com o aparecimento das línguas neolatinas.

Além da variedade linguística, a diferença cultural e social entre os povos que habitavam Roma existe outro fator importante que contribuiu com as transformações do latim vulgar. O fato é, que na época não existia um modelo único de aprendizagem e a maioria das pessoas não tinham acesso à escola. Enquanto o latim clássico era ensinado nas escolas, o latim vulgar era ensinado por camponeses, soldados, pessoas comuns sem nenhum grau de instrução escolar. Diante disso o latim vulgar se modificava e ficava diferente dependendo da

região, dividindo-se em várias línguas: português, italiano, francês, romeno, espanhol e em línguas menores, fato este explicável para o motivo dessas línguas serem tão parecidas.

Quanto aos termos morfológicos, conforme as terminações do latim clássico foram divididas em cinco declinações (COUTINHO, 2011): O grupo I é identificado pelo genitivo singular, representadas da seguinte forma, na 1ª declinação *genitivo singular – ae*; na 2ª declinação *genitivo singular – i*; na 3ª declinação *genitivo singular – is*; na 4ª declinação *genitivo singular – us* e na 5ª declinação *genitivo singular – ei*. No latim vulgar, essas cinco declinações foram reduzidas a três isso porque a flexão da 1ª e 5ª, 2ª e 4ª declinação provocavam confusões, já que o substantivo podia ser declinado tanto na 5ª declinação (*ei*) quanto na primeira (*ae*), como é caso das palavras *luxurieis*, **ei**, ou *luxuria*, **ae**. O mesmo aconteceu com os substantivos da 4ª declinação (*us*) e da segunda (*-i*). Podemos trazer como exemplos a palavra *fructus*, **us**, ou *fructus*, **i**. Diante desses casos particulares nas declinações do latim, havia falta de clareza tanto para quem usava a modalidade oral quanto para os que estudavam a modalidade escrita.

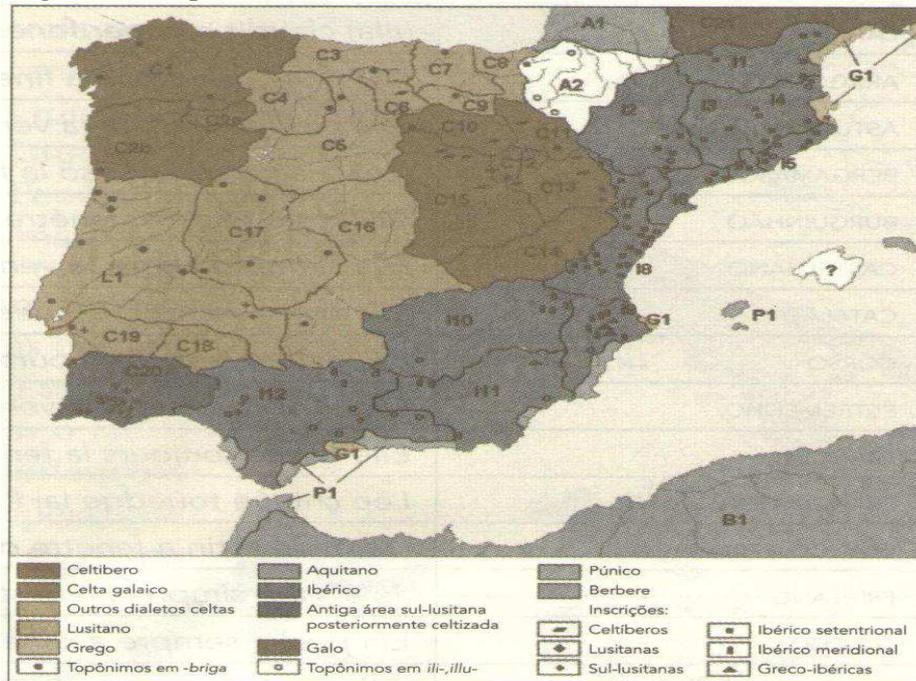
No que se refere a termos sintáticos, as palavras podiam exercer diferentes funções em uma oração através dos seguintes casos: *nominativo, genitivo, dativo, acusativo, ablativo e vocativo* que na medida em que o latim evoluía e pelo uso frequente da (preposição), esses seis casos foram reduzidos para dois casos (o nominativo e o acusativo). Outro fator importante na formação do léxico foi o apagamento do neutro, este era motivo de equívocos para os escritores, pois muitas vezes era confundido com o masculino. Logo, o neutro é eliminado trazendo para a língua portuguesa os substantivos do gênero masculino (*tempus* = tempo) e do gênero feminino (*vestimentum* = *vestimenta*).

Há de se considerar, portanto, que, além das transformações morfológicas e sintáticas, ao longo do tempo, o latim sofreu inúmeras modificações especialmente no contato linguístico ocorrido na Península Ibérica a ponto de fundar a língua portuguesa.

## 1.2 A OCUPAÇÃO DOS ROMANOS NA PENÍNSULA IBÉRICA

A Península Ibérica foi uma região constantemente invadida e colonizada por povos que falavam línguas diferentes, faziam parte da população da Península Ibérica os gregos, celtas, iberos, bascos e fenícios, cartaginenses que tinham interesses comerciais naquela região. De acordo com Assis (2011), em 118 a. C. os romanos invadiram a Península Ibérica e expulsaram os cartaginenses nas guerras púnicas e após conquistarem a Península Ibérica se opuseram a cultura, as línguas faladas e a economia dessa região tendo assim tanto o domínio culto quanto político. Desse modo, tudo foi se modificando, inclusive as línguas faladas. Havia um conjunto dessas línguas dos povos habitantes da Península Ibérica com o latim vulgar trazido pelos romanos. Podemos confirmar a tamanha extensão desse contato linguístico entre esses diferentes povos no mapa abaixo (Figura 1).

Figura 1 - Mapa da Península Ibérica



Fonte: Bagno (2011, p. 204).

Diante dos aspectos mencionados, vale ressaltar que o latim transmitido para a Península Ibérica não era o latim clássico, isso porque os povos que eram enviados para implantarem os costumes romanos nessa região não pertenciam à elite, pois eram cidadãos comuns que faziam parte da camada social mais baixa de Roma e falavam o latim vulgar. Como consequência disso, o latim vulgar expandiu-se por diversas regiões se tornando a língua oficial falada por povos diferentes, apresentando uma diferenciação lexical em relação

ao latim clássico. De acordo com a tabela apresentada, percebemos que existem mais semelhanças entre o latim vulgar e o português. (Tabela 1)

Tabela 1 – Latim clássico e latim vulgar

LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
brassica	caulis	couve
cruor	sanguis	sangue
domus	casa	casa
emere	comparare	comprar
equus	caballus	cavalo
ludere	jocare	jogar
magnus	grandis	grande
os	bucca	boca
pulcher	bellus	belo
sidus	stella	estrela

Fonte: Bagno (2011, p. 205).

Segundo Assis (2011), a ocupação dos romanos, a imposição do latim às línguas nativas dos primeiros habitantes da Península Ibérica e o fim da resistência, todo esse processo ficou conhecido como romanização. Assis (2011, p. 115) afirma:

A romanização foi condicionada por fatores diferentes, como o prestígio de Roma e a dispersão das tribos. Esse período de contato entre hispânicos e romanos pode ser dividido em três fases, que constituem em um momento inicial de expectativa, em que as diferentes culturas se confrontam; uma fase intermediária de marginalidade, em que há a participação nas duas culturas, fase de bilinguismo; por último, a vitória da cultura romana, em que ocorre a romanização.

Em conformidade com a citação apresentada fica compreendida a ideia de que, esse processo de romanização foi um fator decisivo para a formação da língua portuguesa, embora esse período de introdução da cultura romana tenha gerado muitos conflitos, como o choque cultural e a dificuldade de adaptação ao um novo idioma. Nesse processo de transfusão de cultura e especialmente de linguagem, ocorreu o que a autora chama de bilinguismo. Assis (2011, p. 117) ainda nos traz uma ressalva que deixa evidente os poucos vestígios da língua ibérica no vocabulário português, é o que se confirma na citação:

Os vestígios da língua ibérica no vocabulário português: bezerro, esquerdo, sarna, cama, arroio, baía, além dos sufixos –ara, -orro, -urro. A influência céltica é maior na fonética do que no vocabulário: brio, bico, casa, légua, raio, touca e os topônimos Bragança, Coimbra (conimbriga).

Essa perspectiva ainda nos leva a reflexão do quão forte foi a influência dos romanos no desaparecimento das línguas ibéricas. A cada região conquistada pelos romanos as línguas ali já existentes eram transformadas pelo latim. Nesse sentido, Bagno (2011), diz que o galego é o resultado do contato linguístico entre as línguas célticas e outras línguas faladas que se perderam com o tempo. Além do galego português e das línguas indo-europeias, também fazem parte das línguas românicas o etrusco, essa língua foi falada pelos primeiros habitantes de Roma.

De acordo com Bagno (2011), existem marcas da língua etrusco no vocabulário do português brasileiro, palavras que falamos até hoje: abril, vulcão, calendário, vernáculo e histórico. Temos também em nosso vocabulário palavras do grupo itálico, que são: osco, úmbria, falsico, sabelico, prenestismo. No vocabulário francês temos: loup (lobo), pierre (pedra), feu (fogo). E em castelhano (puetra, nueva, siete), a ditongação dessas vogais abertas é o resultado do contato linguístico entre as línguas germânicas e as demais línguas faladas na Península Ibérica. Apesar da existência dessas palavras das línguas itálica e etrusca em nosso vocabulário, vale a ressalva de que com o processo de romanização da Península Ibérica, muitas línguas nativas desapareceram, na medida em que o latim era inserido, novos territórios eram dominados, portanto esse foi o fator decisivo para a formação da língua portuguesa.

## **2 A FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA: DAS ORIGENS ÀS ABORDAGENS ATUAIS**

Muito importante, e falada em vários continentes, a língua portuguesa é uma das manifestações culturais do povo brasileiro, uma língua diversificada, dinâmica e atrativa. A língua portuguesa é uma língua viva, é de se afirmar, portanto, que uma língua viva evidentemente é caracterizada por falantes nativos, tem um vocabulário, gramática e registros históricos, além de estudos que acompanham a sua transformação no decorrer do tempo.

Em princípio, a língua portuguesa nasceu na região da Galiza (condado portugalense) e o seu nome vem de Portugal, assim como as línguas castelhanas, francesas, e italianas, que como já foi mencionada nessa pesquisa pertencem ao grupo das línguas indo-europeias. Muitos fatores favoreceram a formação da língua portuguesa, dentre eles podemos citar a influência das línguas célticas. De acordo Bagno (2011), não se sabia exatamente quem eram os galaicos ou quais línguas eles falavam, tudo indica que falavam a língua celta, pois, tinham nomes de lugares em comum: palavras como Coimbra, além de nomes de rios, como Tomogá, e segundo o autor, o próprio nome Portugal evidencia a junção do latim (porto) e do Celta (cale).

Há de se considerar, portanto, que a Galiza teve um papel muito importante para a formação da língua portuguesa. Localizada no Nordeste da Península Ibérica, os romanos designaram essa região de Gallaecia derivado de gallaeci, que falava a língua galega – língua autônoma e característica da Galiza e o português. Essas duas línguas tinham muitas raízes em comum e representavam uma fronteira linguística entre o galego e o português, principalmente os dialetos, e foi justamente desse sistema linguístico que se desenvolveu o termo galego-português que junto com as línguas catalãs e castelhanas desenvolveu a língua portuguesa.

Todos esses fatores foram ampliados com a ação dos povos germânicos, suevos e visigodos que atacavam constantemente as fronteiras do Império Romano. A partir do século III d. C. as migrações germânicas intensificaram-se e, com o enfraquecimento do poder romano, e as fronteiras do império ficaram mais frágeis. O período histórico entre o século III e V d. C. é caracterizado pela disputa de poder. Com a fragmentação e a queda do império romano, o latim vulgar falado na região peninsular estava bastante alterado pela ação do substrato linguístico peninsular (língua de um povo vencido sobre a qual se superpõe a língua do vencedor). Dessa forma, o latim vulgar se ampliou independentemente em cada região, em outras palavras, dialetou-se.

Na Figura 2, temos a representação de como se encontrava o reinado da Península Ibérica após a perda do domínio Romano.

Figura 2 – Mapa da Península Ibérica: perda do domínio Romano



Fonte: <https://www.google.com/search?q=mapa+hispania+ulterior+e+citerior&tbm>

De acordo com a ilustração, percebe-se que a Península Ibérica estava dominada pelos reinados Suevos e Visigodos. Diante dos fatores linguísticos e políticos, ocorreram mudanças que se constituíram uma nova língua, o galego-português. Há de se considerar que há um grande percurso histórico na formação da língua portuguesa bem como de outras línguas. A evolução da língua é um fenômeno gradual, portanto, não podemos destacar uma data específica para o surgimento da língua portuguesa, mas sim o seu processo evolutivo, voltado para os aspectos do galego português, português arcaico e português moderno.

## 2.1 DO GALEGO PORTUGUÊS AO PORTUGUÊS MODERNO

O galego português destacou-se como idioma próprio da poesia trovadoresca nos reinos e em vários lugares da Europa, e ainda faz parte de uma das principais fases da formação da Língua Portuguesa. Grande parte da estrutura lexical – semântica, sintática e morfológica da gramática foram adquiridas e solidificadas a partir do galego português. Bagno (2011, p. 208), ainda faz uma ressalva sobre importância nas mudanças linguísticas entre os povos da Galiza.

Esse tipo de mudança linguística resulta, portanto, do contato de línguas: povos de línguas diferentes entram em interação, se influenciando mutuamente [133]. Quando um povo inteiro adota a língua do outro, é comum haver transferência de hábitos linguísticos da língua original, mesmo quando ela desapareça.

Nesse âmbito, o autor acredita que uma língua por mais que desapareça, sempre ficará rastros de sua origem como é o caso do latim, uma língua que não se usa nos dias atuais, mas a origem das línguas neolatinas está intimamente ligada a esse idioma. Ainda podemos mencionar as línguas célticas, por exemplo, que foram importantes na antiguidade e tinham tantas semelhanças na fala entre os povos que habitavam a Galiza, que os galaicos acreditavam que pertenciam a uma mesma família de línguas e assim como os Celtas assimilaram o latim vulgar. A esse respeito, ressaltamos também sobre o efeito das migrações na língua falada por uma população, logo, este efeito não será uniforme, pois será sempre desenvolvido um processo de diferenciação regional ou um rompimento definitivo da uniformidade linguística.

O galego português tem suas raízes ligadas a um processo de peculiaridades políticas e familiares. De acordo com Assis (2011), após a guerra santa, que teve como objetivo a libertação ibérica, e após a batalha de S. Mamede, que foi marcada em 1128 quando D. Afonso Henrique lutou contra as tropas de sua própria mãe, foi estabelecida então a independência portuguesa da Galiza. Enquanto isso, Portugal se expandia e foi habitado por colonos do Norte que traziam consigo o galego português.

Do mesmo modo, o galego-português passa a ser reconhecido como língua falada e escrita da Lusitânia, o fato é que o galego português foi sendo substituído pelos falares regionais da Galiza e da Lusitânia ocasionando uma diferenciação em relação ao português. Esse processo de diferenciação ocasionou a separação do português e do galego, assim sendo, o galego torna-se a língua oficial da Espanha e o português é reconhecida como língua

nacional de Portugal. Outro aspecto importante mencionado pelo autor, é que no século IX são escritos os primeiros documentos em galego-português e surgem as primeiras palavras portuguesas, e no século XIII esses documentos começam a surgir.

Os documentos no português antigo começam a surgir por volta do século XIII, no início do reinado de D. Diniz, quando a chancelaria régia adota o português como língua escrita. Trazem uma língua mais espontânea e diversificada que a dos cancioneiros; muitos apresentam influências de línguas do norte (leonês), fato explicável por serem desertas as terras reconquistadas e repovoadas por colonos vindos da Galiza. Outros documentos dão testemunhos como o Testamento de Afonso II e a notícia de torto, de 1214, além de testamentos, títulos de vendas, foros (ASSIS, 2011, p. 127).

A autora corrobora com a ideia de homogeneidade nos modos de falar, e que essa mistura dialetal enriquece a língua e as palavras tendo como resultado uma língua mais dinâmica. Do mesmo modo, Assis (2011) faz uma ressalva de que era possível identificar algumas diferenças dos lugares de onde esses povos vinham pelos modos de falar. Nos cancioneiros estavam acentuadas as características dos povos vindos da Galiza, que se fala o galego, enquanto nos testamentos, como em Dom Afonso II que no século XIII foi o primeiro documento oficial, se acentuavam as características do português, que se tornou língua nacional de Portugal.

Além desses aspectos linguísticos, pode-se afirmar também que as divisões políticas e culturais contribuíram para a diversificação entre essas línguas. O galego português estava voltado mais para a literatura, como as crônicas históricas de Fernão Lopes, a inauguração do teatro de Gil Vicente, e como representante da poesia lusófona se destacava Camões, os cancioneiros e as novelas de cavalarias. O caráter oral era muito marcante no galego e a literatura contribuiu para que o galego evoluísse para uma língua clássica.

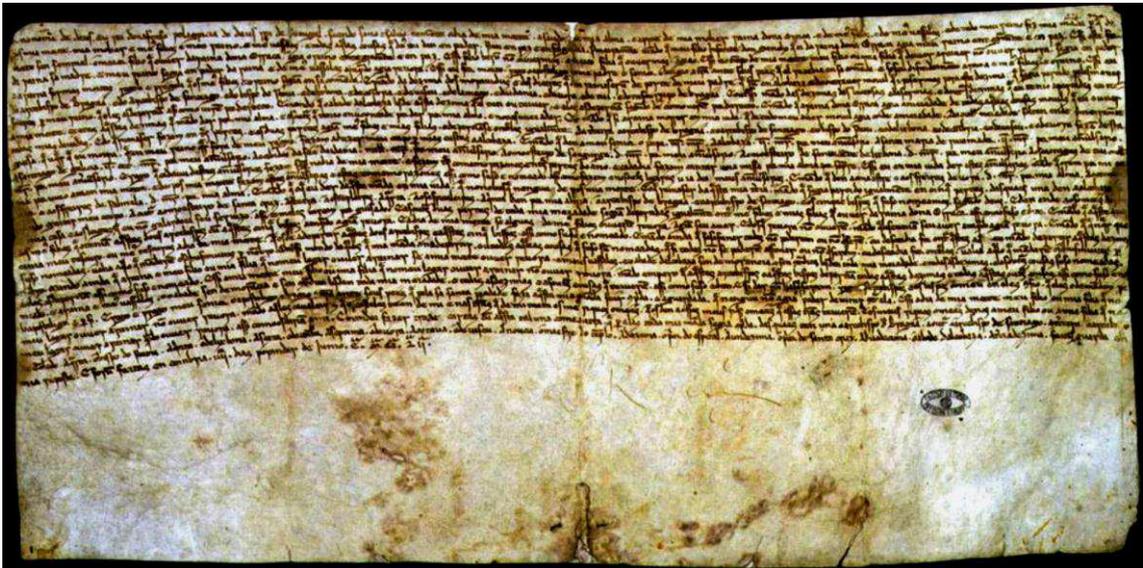
Nessa mesma ótica vale salientar que o português tinha um caráter veicular entre a literatura e a cultura, falava-se desde a forma erudita a forma popular, isso constata o quanto o latim vulgar modificou-se. Com o desenvolvimento cultural de Portugal, D. Diniz, rei trovador limitou o uso do português a documentos públicos, testamentos, contratos de compra e vendas de terras. O português tornou-se mais instável, esse foi o ponto inicial para o período do português arcaico.

## 2.2 O PORTUGUÊS ARCAICO

Quanto aos aspectos estudados até aqui, podemos afirmar que o português arcaico é uma fase seguinte da língua portuguesa e não uma fase inicial. A justificativa para essa afirmação dá-se pelo fato de que uma língua viva está sempre aberta às transformações.

Diante disso, podemos afirmar que os fatores históricos e sociais de uma fase anterior, no caso, a do galego português influenciaram e promoveram a evolução para o português arcaico. Nesse momento, a língua portuguesa passa a ser documentada pela escrita tendo como marco histórico o surgimento dos primeiros documentos escritos em português é o caso do testamento de D. Afonso II datado e escrito no século XIII (Figura 3).

Figura 3 – Testamento de D. Afonso



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Testamento\\_de\\_Afonso\\_II](https://pt.wikipedia.org/wiki/Testamento_de_Afonso_II)

Esses dados documentais mostram a relevância da importância de se conservar os dados históricos e bibliográficos de uma sociedade em especial a sua linguagem. De acordo com Mattos e Silva (1991), os dialetos passam a ser documentados e influenciados por alguns fatores determinantes, dentre eles estão: O indivíduo que escreve, bem como a sua posição social e nível de instrução, o local e a época em que foi escrito.

Na medida em que os dialetos passavam a ser escritos, as características lexicais se acentuam cada vez mais na língua portuguesa. Enquanto o português arcaico apresentava características voltadas para a tradição gramatical. Assis (2011, p. 129) afirma:

O português arcaico utilizava alfabeto com letras simples do alfabeto latino (menos o k) e as geminadas ss e rr. A língua era escrita para ser ouvida. Para

se ter uma ideia, nas cortes, as cantigas eram recitadas; nas ordens religiosas, a literatura era feita oralmente e os livros eram ditados para serem copiados.

Levando em consideração a citação, corroboramos com a ideia de que o português arcaico tinha basicamente finalidades didáticas. Os textos eram escritos em português e transmitidos oralmente. Esse fato evidencia a tentativa de uma normatização gramatical, bem como a inserção de uma nova cultura linguística. De acordo com Assis (2011) não havia no português arcaico uma ortografia fixada, podemos comprovar isso quando a autora nos afirma que, “o português arcaico ainda utilizava as mesmas letras do alfabeto latino com exceção das letras k, ss, rr.

Assis (2011) nos afirma que, na metade do século XIII começam a se estabelecer algumas transformações no português arcaico, nessa mesma ótica, parafraseamos Castro (2004), assegurando que no Português arcaico os autores passaram a dar preferência ao uso dos textos não literários. Acreditamos que essa preferência está ligada ao fato que, diferente dos textos literários, os textos não literários representavam o dialeto como realmente era falado pelo povo e possuía um caráter mais próximo à língua falada na época. Diante disso, o português arcaico passa a apresentar características linguísticas mais modernas.

### **2.3 O PORTUGUÊS MODERNO**

No século XVI, a língua portuguesa evolui para uma fase moderna através do surgimento das primeiras gramáticas. A rica literatura renascentista teve papel fundamental para a normatização do português moderno, principalmente através de Luiz Vaz de Camões em (1572) quando escreveu *Os Lusíadas*, a aplicação das regras gramaticais se assemelhavam muito com a que temos hoje. Algumas palavras usadas por Camões: “frio” que significa “medo” substantivo masculino que significa inquietação diante o perigo, ameaça, pavor real ou imaginário. “Exício” que traduz destruição, ruína, perda total, morte (essa palavra não muito utilizada no Brasil). Mais adiante, a língua terá mudanças menores. Na fase em que Portugal foi governado pelo trono espanhol (1580-1640), o português incorpora palavras castelhanas como (bobo e granizo).

Mais tarde, nos séculos XIX e XX, o vocabulário português recebe novas incorporações com surgimento dos termos de origem greco-latina para designar os avanços tecnológicos da época (como automóvel e televisão), e termos técnicos em inglês em ramos como as ciências médicas e a informática (por exemplo, *check-up* e *software*). Os séculos XV e XVI marcam expansão do português moderno quando os portugueses levaram a língua a

diversas regiões dos continentes africano, asiático e americano. Ao partir do ocidente lusitano, a Língua Portuguesa espalhou-se pelas regiões do Brasil, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, Moçambique, República Democrática de São Tomé e Príncipe, Macau, Goa, Damão, Diu e Timor, além das ilhas atlânticas Açores e Madeira.

É certo afirmar que os séculos XIV e XVI representam uma transição do português clássico para o moderno. Assis (2011) afirma que nesse período clássico o galego português estava extinto, por outro lado a formação da língua portuguesa estava voltada para as áreas de filosofia, teologia e ciências. A autora ainda nos afirma que, as descobertas “ultramarinas” possibilitaram o contato linguístico entre navegantes de diferentes regiões, resultando assim na formação de novos vocábulos. “Essas descobertas acabaram por se refletir no ingresso ao vocabulário de novos termos, como **jangada** de origem malaia, e **chá** de origem chinesa, entre outros” (ASSIS, 2011, p. 133, grifo da autora).

Há de se considerar também que uma língua estará sempre ligada à sociedade, bem como ao seu contexto histórico e cultural. A esse respeito faremos algumas colocações. Primeiramente, o contexto histórico de uma sociedade não pode estabelecer o início ou fim do período da formação de uma língua. Logo, essas fases entre o galego português, português arcaico e o moderno não abrem nem fecham ciclo algum da linguagem. Consideramos essas fases como pontes que se ligaram, contribuindo assim para a evolução da língua portuguesa, já que está sempre em processo de transformação.

A norma culta funciona como organizadora dessa informalidade, pois essas variedades linguísticas despertam a curiosidade dos estudiosos. Por isso a importância de focarmos o olhar nesse processo de formação da língua. Do mesmo modo que não podemos descartá-la das normas gramaticais nem do seu contexto histórico social, não podemos descartar as suas variedades formal e coloquial, isso seria impossível, pois, uma língua viva está sempre evoluindo e esse processo é contínuo. A prova para essa afirmativa está no processo de transformação da língua portuguesa ligado a fatores políticos, sociais e culturais ocorridos principalmente na Península Ibérica, e mais adiante essa língua foi trazida para o Brasil através das navegações europeias.

## 2.4 A EXPANSÃO MARÍTIMA DE PORTUGAL E O ESTABELECIMENTO DO MÉTODO DE EDUCAÇÃO

Além dos aspectos linguísticos, cabe-nos apresentar alguns pontos políticos, visto que esses fatores estão intrinsecamente ligados à formação do português brasileiro. No século XV, Portugal enfrentou uma grande crise econômica, em decorrência da transição da economia estável.

A nova fase econômica de Portugal estava baseada na comercialização marítima que ficou conhecida como mercantilismo, ou seja, o modo de produção feudal passa a ser capitalista. A política econômica apoiava-se na quantidade de materiais preciosos que as colônias nacionais possuíam (ouro e prata), quando os materiais preciosos de uma determinada região acabavam, logo eles buscavam esses materiais preciosos em outras colônias através das navegações, esse processo ficou conhecido como expansão marítima.

Segundo Assis (2011), em 22 de abril de 1500 Pedro Álvares Cabral, sobre as ordens do rei de Portugal D. Manuel, chega ao litoral brasileiro em busca de solução para a crise econômica de Portugal. Os portugueses, a procura de ouro exploraram esse material precioso em Minas Gerais, enquanto que o Rio de Janeiro e Salvador não desenvolviam papel algum cultural e intelectual. Essas terras estavam limitadas apenas a funções favoráveis para os portugueses que eram políticas, administrativas e econômicas. Elia (2003, p. 23) traz uma passagem de como Pero Vaz de Caminha descrevia as terras recém descobertas para o rei D. Manuel.

As informações sobre a terra não são muitas, mas, de modo geral, sempre favoráveis. Muita água, muita vegetação, muitas e variadas aves. Alguns da marinhagem passearam ao longo de uma ribeira “a qual é de muita água e muito boa”. Em sua margem crescem “muitas palmas, não mui altas, em que há muito bons palmitos”. E os desembarcados não perderam tempo.

Assim como os romanos, os portugueses também saíram pelo mundo em busca de novas terras e soluções para as suas crises econômicas. Portanto, essa oportunidade estava nas terras que viriam ser o Brasil. A citação deixa bem claro a tamanha riqueza que as terras brasileiras representavam para os portugueses. Exercendo as mesmas práticas dos romanos e com o objetivo de colonização ao conquistarem uma nova colônia, os portugueses escravizavam os povos nativos, se opunham à cultura local e também as línguas de origem. Entre as terras conquistadas pelos portugueses estão: a África, América e América do Sul.

Quando os portugueses chegaram à América do Sul, esse continente formaria posteriormente o Brasil. As terras estavam habitadas por milhões de índios, não se sabe ao

certo quantos índios povoavam o litoral brasileiro. E linguisticamente falando, havia uma variedade de línguas inacabáveis, algo em torno de 350 línguas (ASSIS, 2011). Segundo Elia (2003, p. 23):

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos”. “Os cabelos seus são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais de sobrepenete, de boa grandura e rapados até por cima da orelha”. Trazia este velho beijo tão furado, que lhe caberia pelo furo um grande dedo polegar, e metida nele uma pedra verde, ruim, que cerrava por fora esse buraco.

A citação representa a passagem da Carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Pedro Alvarez Cabral, essa carta é o primeiro documento escrito na história do Brasil. Ao descrever suas impressões a respeito do seu primeiro contato com os índios, Caminha ora mostra deslumbramento, ora age com desdém. Isso mostra o tamanho do estranhamento e da dificuldade que os europeus tiveram de aceitar uma cultura nova. Diante disso, além dos aspectos linguísticos os aspectos físicos causaram estranhamento que se deu basicamente dessa diferença nos aspectos físicos tanto dos portugueses, quanto aos nativos ocasionando um choque cultural entre ambos. Além disso, os portugueses nunca tiveram boas intenções para com os índios, seus únicos objetivos eram econômicos e para isso acontecer promoveram a escravidão e aculturação desses nativos.

Os portugueses falavam a língua portuguesa europeia e com objetivo de colonizar o Brasil, logo se opuseram as línguas tupis, língua dos povos nativos (os índios). A implantação da língua portuguesa europeia era feita através da catequização feita pelos jesuítas que tinham como objetivo pregar o cristianismo nas regiões recém-descobertas e principalmente transmitir as línguas portuguesa e espanhola.

A respeito da catequização Elia (2003, p. 24) nos traz: “Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm nem entendem em nenhuma crença”. O autor nos apresenta uma das impressões de Pero Vaz de Caminha sobre os índios e nos mostra que a facilidade para a catequização dos povos indígenas estava na inocência, e no fato dos mesmos aparentemente não possuírem crenças, mas, por outro lado, havia um problema, pois, as diferenças entre as línguas nativas faladas pelos índios e os europeus dificultava a comunicação entre ambos. Por isso, para transmitir os ensinamentos dos costumes europeus para os índios, os jesuítas aprendiam as línguas nativas, (principalmente o tupi) e traduziam da língua portuguesa para o tupi, livros, músicas e missas. “E, segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhe falece outra coisa para ser toda crista, se não entender-nos, porque assim tomavam aquilo que

nos viam fazer com nós mesmos, por onde nos pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm” (ELIA, 2003, p. 24).

Diante da citação, fica evidente a tamanha inocência dos povos indígenas, e ao mesmo tempo a tamanha beleza e riqueza cultural de um povo. Povos estes que tinham a sua própria língua nativa: o Tupi, mas para os portugueses e segundo Pero Vaz de Caminha descreveu que eles não eram capazes de comunicar-se. E sobre a religião? Ingênuo Caminha, eles tinham sim. Os elementos naturais daquela região, a flora e a fauna para eles eram representações divinas. Vestimentas? Para que? Se eles tinham os mais belos adornos e mais belas pinturas em seus corpos. A questão que todos nós sabemos é que: aquela região já estava habitada por um povo com suas crenças, seus costumes, sua cultura e o principal uma língua que permitia a comunicação entre eles. Seria tudo muito perfeito se não fosse a ganância e a dificuldade de aceitar o novo ou até mesmo a curiosidade de explorar o desconhecido. A oportunidade para a catequização estava na inocência desses índios, uma atitude um tanto contraditória para o catolicismo.

## **2.5 A EDUCAÇÃO JESUÍTICA NO BRASIL**

Segundo Elia (2003), o início da catequização foi por meados de 1549, com a chegada do governador Tomé de Sousa ao Brasil.

A educação jesuítica foi o primeiro movimento educativo no Brasil, estava sendo desenvolvido um processo de doutrinação, pois, para os portugueses os índios eram meros selvagens com uma educação difusa que poderia ser controlada com a aplicação dos preceitos religiosos. O papel dos jesuítas (Escola da Companhia de Jesus) foi ensinar as primeiras letras e promover todo o processo de doutrinação do índio, criar escolas católicas, e preparar os padres para uma grande organização jesuítica trazendo os preceitos tradicionais cristãos. A ideia de organizar a sala de aula com as cadeiras enfileiradas, com ensino individualizado e professor no centro partiu do Padre Manoel da Nóbrega.

A organização na educação jesuítica acontecia desde a ação do diretor, a ação do aluno e atendia a uma demanda da elite. Diante dos fatos mencionados, podemos considerar que os jesuítas contribuíram com o modelo de ensino da educação no Brasil, embora, essas práticas fossem feitas de forma diferente, pois, aos filhos dos colonizadores ensinavam desde as primeiras letras a educação superior, enquanto que aos índios ensinavam a ler e escrever. Por outro lado, vale-nos ressaltar que esses processos de catequização dos índios geram inúmeras

críticas até os dias atuais dentre elas estão: a violação da consciência dos índios e genocídio cultural.

Diante de tantos esforços dos portugueses para difundir a cultura dos povos nativos, veio a resistência por força maior de uma língua nativa, o Tupi, que apesar do contato linguístico com os imigrantes e a dizimação feita pelos jesuítas as línguas nativas eram faladas em todo o litoral. Diante disso, desenvolveu-se uma mistura de línguas nativas com as línguas europeias, a língua dos povos imigrantes e dos Africanos (escravos trazidos pelos portugueses). Essa língua foi estudada, a essa variedade de línguas os jesuítas deram o nome de línguas gerais.

Duas línguas gerais se desenvolveram: a língua geral amazônica (ou nheengatu, “língua boa bonita, bonita”), empregada na porção norte da colônia, e a língua geral paulista, empregada inicialmente em São Paulo e posteriormente difundida para outras regiões através da ação dos bandeirantes, que penetravam nos sertões interiores para capturar os índios e escravizá-los (BAGNO, 2011, p. 129).

Sobre o que foi citado, acreditamos que o desenvolvimento dessas línguas gerais foi uma tentativa para um melhor entendimento sobre organização social dos índios bem como a facilitação de conversão operada pelos jesuítas para expandir o cristianismo. Quanto aos bandeirantes, assim como os índios eles também falavam o tupi, além de atacar os índios, eles também atacavam os quilombolas tudo isso para adquirir materiais preciosos.

Diante de tantas tentativas feitas pelos europeus para controlar as línguas nativas, o Tupi, percebe-se o quanto foi importante as contribuições dos portugueses para a formação da língua portuguesa. Os próprios europeus traziam com eles povos dos mais variados lugares, escravos, africanos, e esses povos traziam consigo diferentes idiomas e uma riqueza linguística inacabável. Ao mesmo tempo, podemos afirmar que é impossível controlar uma língua viva, limitar o seu uso. Seguindo nessa linha de pensamento, a filha de um fazendeiro tem uma ama de leite africana (escrava) que fala as línguas africanas. Essa criança está em fase de crescimento e aprenderá a falar as primeiras palavras que lhe serão ditas, logo ela aprenderá tanto a língua dos pais, as línguas gerais impostas pelos europeus, e aprenderá também as línguas africanas transmitidas pela ama de leite que será sua a sua segunda língua.

Outro aspecto importante é que, em 1.757 um decreto dado pelo Marquês de Pombal proibia as línguas gerais que vinham sendo faladas de uma forma muito fragmentada, cada vez mais sendo substituídas, já que segundo Assis (2011), no século XVIII a população indígena aumentou consideravelmente. Diante disso, houve um processo de manifestação contra as línguas impostas pelos jesuítas. Essas manifestações ocasionaram a perda do

domínio europeu nas terras indígenas, e a expulsão dos jesuítas foi o fator principal para a formação da língua portuguesa do Brasil, formando assim o nosso idioma: o Português do Brasil. Evidentemente diante a abordagem feita nessa pesquisa, podemos concordar que o português que falamos hoje não chegou pronto até a nós, pois somos falantes de uma língua na qual foram introduzidas expressões herdadas dos escravos, índios, imigrantes europeus e asiáticos.

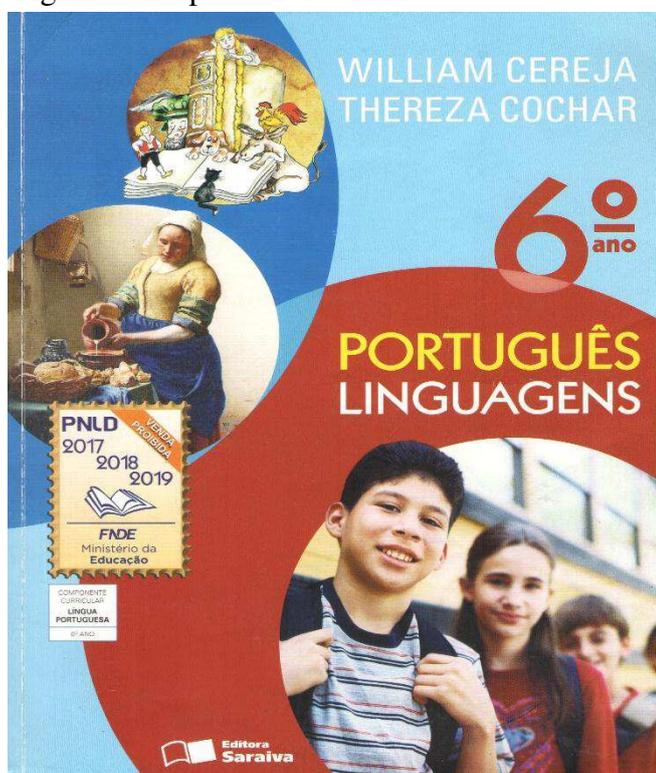
Um fato lamentável é que não temos acesso a essas informações no livro didático, pois, além de não tratar de forma satisfatória o percurso histórico da formação da língua portuguesa, nota-se grandes lacunas em relação a valorização/importância da variação lexical que acompanha a língua portuguesa ao longo do tempo. Por isso, há a necessidade de argumentos para a inserção dessa abordagem no livro didático sobre o qual abordaremos no capítulo seguinte.

### 3 A FORMAÇÃO LEXICAL DO PORTUGUES BRASILEIRO, UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Tendo como parte integrante dessa pesquisa o objetivo de analisar como é abordado o conteúdo sobre a formação lexical do português brasileiro no livro didático, optamos pela análise da obra didática Português Linguagens dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (Figura 4). O volume é destinado ao sexto ano do ensino fundamental II exemplar do aluno, publicado pela editora Saraiva e autorizado pelo Plano Nacional de Educação (PNLD) com vigência de 2017 a 2019.

Em relação a sua estrutura, o livro é composto por cento e setenta e duas (172) páginas. Em seu sumário, são apresentadas quatro unidades. São elas: No mundo da fantasia; Crianças; Descobrimo quem sou eu; Verde adoro ver-te. Cada unidade está dividida em três capítulos, que são compostos por um texto principal, representando as temáticas a serem trabalhadas que são: estudo do texto, produção de texto, a língua em foco acompanhados de exercícios que são identificados pela temática passando a limpo.

Figura 4 – Capa do livro didático



Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Figura 5 – Sumário: Unidade 1 e 2 do livro didático

SUMÁRIO	
<b>UNIDADE 1</b> No mundo da fantasia	
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>Era uma vez</b> <i>As três penas, Jacob Grimm</i>
	Estudo do texto 11
	Compreensão e interpretação 14
	A linguagem do texto 16
	Cruzando linguagens 17
	Trocando ideias 19
	Produção de texto 19
	O conto maravilhoso 21
	A língua em foco 22
	Linguagem: ação e interação 22
	Linguagem verbal e linguagem não verbal 23
	Os interlocutores 23
	A língua 26
	A linguagem e os códigos 28
	O código linguístico na construção do texto 27
	Semântica e discurso 28
	De olho na escrita 28
	Forma e letra 29
	Divirta-se 31
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>Pato aqui, pato acolá</b> <i>O patinho feio, Marcelo Coelho</i>
	Estudo do texto 31
	Compreensão e interpretação 34
	A linguagem do texto 35
	Entrada expressiva do texto 36
	Trocando ideias 36
	Ler é um prazer 37
	Produção de texto 38
	A língua em foco 39
	As variedades linguísticas 39
	Número padrão e variedades de prestígio 40
	Variação linguística e preconceito social 41
	Falar bem e falar adequadamente 41
	Tipos de variação linguística 42
	As variedades linguísticas na construção do texto 47
	Semântica e discurso 49
	Divirta-se 50
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>O príncipes! Jogue-me suas...</b> <i>Cartum, Mondillo</i>
	Produção de texto 51
	O conto maravilhoso do oral para o escrito e do escrito para o oral 53
	Do oral para o escrito 53
	Do escrito para o oral 53
	Para escrever com expressividade 53
	O discurso: palavras no contexto 55
	A língua em foco 55
	Textos, discursos, gêneros do discurso 55
	Os textos e os gêneros do discurso 60
	A intencionalidade discursiva na construção do texto 61
	Semântica e discurso 65
	Divirta-se 66
	<b>Passando o tempo</b> 67
	<b>INTERVALO</b> 71
	Projeto: Histórias de hoje e sempre 71
<b>UNIDADE 2</b> Crianças	
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>O fazendeiro da cidade</b> <i>Menino de cidade, Paulo Mendes Campos</i>
	Estudo do texto 76
	Compreensão e interpretação 78
	A linguagem do texto 78
	Lectura expressiva do texto 80
	Cruzando linguagens 81
	Trocando ideias 82
	Ler é reflexão 82
	Produção de texto 83
	História em quadros (II) 83
	A língua em foco 91
	O substantivo 91
	Classificação dos substantivos 92
	O substantivo na construção do texto 96
	Semântica e discurso 97
	Divirta-se 98

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Figura 6 - Sumário: Unidade 3 do livro didático

<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>Entre irmãos</b> <i>A mala de Hans, Karen Levine</i>
	Estudo do texto 99
	Compreensão e interpretação 100
	A linguagem do texto 101
	Lectura expressiva do texto 101
	Trocando ideias 102
	Produção de texto 102
	História em quadros (II) 102
	A linguagem dos quadros 102
	Para escrever com adequação 108
	O diálogo 108
	A língua em foco 111
	O adjetivo 111
	Classificação dos adjetivos 113
	O adjetivo na construção do texto 114
	Semântica e discurso 115
	De olho na escrita 116
	Digrama e encontro consonantal 119
	Divirta-se 119
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>Ensaio de vida</b> <i>Cebra-cego, Giovanni Battista Torriglia</i>
	Estudo do texto 119
	Produção de texto 120
	História em quadros (II) 120
	Como se faz uma história em quadros 120
	A língua em foco 123
	Flexão dos substantivos e dos adjetivos: gênero e número 123
	Flexão dos substantivos 124
	Flexão dos adjetivos 128
	A flexão dos substantivos e dos adjetivos na construção do texto 129
	Semântica e discurso 129
	De olho na escrita 130
	Encontros vocálicos 132
	Divirta-se 133
	<b>Passando o tempo</b> 133
	<b>INTERVALO</b> 136
	Projeto: Quadrinhos: ou também não? 136
<b>UNIDADE 3</b> Descobindo quem sou eu	
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>No frescor da inocência</b> <i>Banhos de mar, Clarice Lispector</i>
	Estudo do texto 140
	Compreensão e interpretação 142
	A linguagem do texto 144
	Lectura expressiva do texto 144
	Trocando ideias 144
	Ler é diverso 145
	Produção de texto 145
	O relato pessoal 146
	A língua em foco 146
	O grau dos substantivos e dos adjetivos 148
	Grau dos substantivos 149
	Grau dos adjetivos 150
	O grau na construção do texto 152
	Semântica e discurso 153
	Divirta-se 154
	<b>CAPÍTULO 2</b>
	<b>O preço de pensar diferente</b> <i>Ela sou Malina, Malala Yousofzai</i>
	Estudo do texto 155
	Compreensão e interpretação 157
	A linguagem do texto 158
	Cruzando linguagens 158
	Trocando ideias 159
	Produção de texto 160
	A carta pessoal 160
	O diário 162
	Para escrever com expressividade 164
	A descrição 164
	A língua em foco 169
	O artigo 170
	Flexão e classificação dos artigos 172
	O artigo na construção do texto 173
	Semântica e discurso 175
	De olho na escrita 175
	Divisão silábica 177
	Divirta-se 177

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Figura 7 - Sumário –Unidade 4 do livro didático

<b>CAPÍTULO 3 O eu que existe em mim</b>		
	Vestido de festa, Norman Rockwell	179
	<b>Produção de texto</b>	179
	Os gêneros digitais: e-mail, blog, rúbrica, comentários	179
	O e-mail	179
	O blog	181
	O vídeo	181
	O comentário	181
	<b>A língua em foco</b>	186
	O numeral	186
	Classificação dos numerais	187
	Flexão dos numerais	188
	O numeral na construção do texto	190
	Semântica e discurso	191
	<b>De olho na escrita</b>	192
	Alfabeto fonético e alfabeto sílabas	192
	Palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas	193
	Divisão-se	194
	<b>Personalidade e Tempo</b>	195
	<b>INTERVALO</b> Projeto: Eu também faço história	198
<b>UNIDADE 4 Verde, adoro ver-te</b>		
<b>CAPÍTULO 1 Asas da liberdade?</b>		
	Falou crioulo no dedo, Rubem Braga	201
	<b>Estudo do texto</b>	204
	Compreensão e interpretação	204
	A linguagem do texto	205
	Tópicos ideais	206
	<b>Produção de texto</b>	206
	O artigo de opinião	209
	<b>A língua em foco</b>	209
	O pronome	210
	Os pronomes e a coesão textual	211
	Classificação dos pronomes	210
	O pronome na construção do texto	211
	Semântica e discurso	212
	<b>De olho na escrita</b>	212
	Atenuação (I)	213
	Atenuação das estruturas e dos enunciados típicos	214
	Revisão das preparações	215
	Divisão-se	215
	<b>Personalidade e Tempo</b>	215
	<b>INTERVALO</b> Projeto: Eu e meu ambiente, entre os mato	219
	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	222
<b>CAPÍTULO 2 A natureza pede socorro</b>		
	A longa lista dos condenados, revista Ujwa	228
	Quais são os animais ameaçados de extinção no Brasil, revista Época	227
	<b>Estudo do texto</b>	229
	Compreensão e interpretação	229
	A linguagem do texto	230
	Tratando línguas	231
	Tópicos ideais	231
	<b>Produção de texto</b>	232
	<b>Para escrever com coerência e coesão</b>	233
	A coerência e a coesão textual	233
	A coerência textual	234
	A coesão textual	236
	<b>A língua em foco</b>	239
	O verbo (I)	239
	Conjugações	240
	Flexão dos verbos	241
	O verbo na construção do texto	241
	Semântica e discurso	247
	Divisão-se	247
	<b>Personalidade e Tempo</b>	248
	<b>INTERVALO</b> Projeto: Eu e meu ambiente, entre os mato	249
	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	252
<b>CAPÍTULO 3 Natureza no museu</b>		
	Cartum, Márcio Costa	258
	Um e milênio	257
	<b>Produção de texto</b>	257
	A exposição oral e o cartum	257
	A exposição oral	257
	O cartum	258
	<b>A língua em foco</b>	258
	O verbo (II)	258
	Os tempos verbais	258
	Modos de conjugação verbal	260
	Semântica e discurso	263
	<b>De olho na escrita</b>	264
	Atenuação (II)	264
	Revisão (II)	265
	Divisão-se	266
	<b>Personalidade e Tempo</b>	266
	<b>INTERVALO</b> Projeto: Eu e meu ambiente, entre os mato	269
	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	272

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

É de conhecimento de todos que o material didático é toda ferramenta usada de maneira sistemática e metódica no processo de ensino aprendizagem e funcionam como suporte para a formação do educando. O livro didático é um dos principais suportes de aprendizagem, pois, funciona como fonte de conhecimento.

Em princípio, cabe a colocação de que o livro didático não é perfeito, porque nele não encontraremos todas as respostas. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998), o livro didático é uma ferramenta de forte influência na prática de ensino, por isso é necessário que os professores estejam atentos a qualidade dos objetivos propostos bem como o levantamento de questionamentos, reflexões e análises a respeito da abordagem dos conteúdos do livro didático. Faz-se necessária essa análise crítica para um melhor acompanhamento dos conteúdos e se estes estão sendo desenvolvidos de forma efetiva, já que além do suporte para a formação educacional, um bom livro didático deve oferecer ao educando a discursividade, intertextualidade, desenvolvimento crítico, social e cultural da língua.

Nessa obra didática, interessa-nos uma análise especificamente do capítulo dois da unidade um, onde analisaremos como é trabalhado a formação de palavras do português brasileiro, bem como o seu contexto histórico. A temática a ser analisada chama-se a língua em foco e dentro dessa temática são desenvolvidos os conteúdos sobre as variedades

linguísticas, norma padrão e variedades de prestígio, preconceito social, falar bem é falar adequadamente, tipos de variação linguística, as variedades linguísticas na construção do texto.

A pesquisa é embasada no conteúdo presente na Unidade I - **No mundo da fantasia**, especificamente no capítulo II - **Pato aqui, pato acolá**, da página 39 a 47. Nessas páginas são abordados de uma forma superficial conteúdos sobre as variedades linguísticas, norma padrão e variedades de prestígio, variação linguística e preconceito social, falar bem é falar adequadamente, tipos de variação linguística e as variedades linguísticas na construção do texto.

Figura 8 - Apresentação do Capítulo 2 do livro didático

<b>CAPÍTULO 2 Pato aqui, pato acolá</b>	
<i>O patinho bonito</i> , Marcelo Coelho .....	32
<b>Estudo do texto</b> .....	34
Compreensão e interpretação .....	34
A linguagem do texto .....	35
Leitura expressiva do texto .....	36
Trocando ideias .....	36
Ler é um prazer .....	37
<b>Produção de texto</b> .....	38
<b>A língua em foco</b> .....	39
As variedades linguísticas .....	39
Norma-padrão e variedades de prestígio .....	40
Variação linguística e preconceito social .....	41
Falar bem é falar adequadamente .....	41
Tipos de variação linguística .....	42
As variedades linguísticas na construção do texto .....	47
Semântica e discurso .....	49
<b>Divirta-se</b> .....	50

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Diante o exposto acima, percebemos que uma das temáticas desenvolvidas no capítulo dois é a **Língua em Foco**, nessa temática são tratados somente os conteúdos supracitados presentes na imagem, como por exemplo: as variedades linguísticas são associadas aos gêneros e à gramática, bem como a variedade culta ou padrão mencionando muito pouco sobre os fatores que auxiliam na construção dessa variedade. Nota-se também que as temáticas não favorecem a consideração da variedade linguística como portadora legítima de uma tradição cultural e de uma identidade nacional. Para introduzir a temática sobre variedades linguísticas Cereja e Magalhães (2015) usam a tira de Fernando Gonsalo.

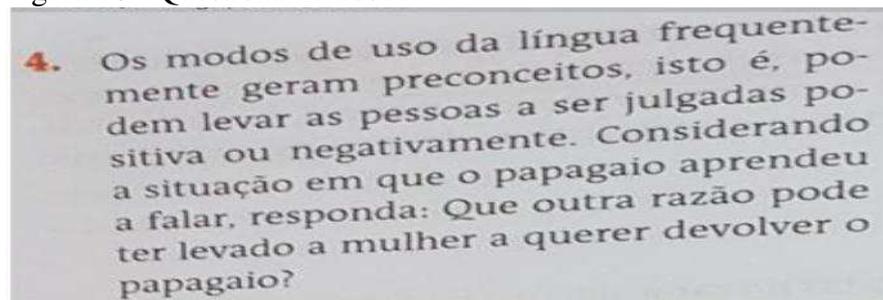
Figura 9 - A língua em foco /As variedades linguísticas



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 39).

A Figura 9 traz a representação de um diálogo entre três personagens por meio do gênero textual tirinha, em que um papagaio faz o uso das palavras “bicicreta”, “cocrete” e “cardeneta”. Uma mulher, que ao ouvir o papagaio pronunciar essas palavras o devolve para o comerciante que a questiona com a seguinte frase: “argum pobrema”? Podemos observar que a tira representa como acontece os diferentes modos de falar, especificamente na linguagem coloquial, que na maioria das vezes causa estranhamento quase sempre por parte das pessoas que usam a linguagem formal e que caracterizam a linguagem coloquial como erro. Com base na tirinha foi feito o questionamento apresentado abaixo.

Figura 10 - Questionamentos



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p.40).

A respeito das falas apresentadas na tirinha, observa-se que não há propósito algum dos autores em contextualizar os motivos que levam o papagaio e o seu dono a falarem dessa forma. Quando na verdade, nesse quadro podemos inferir o fato de que dentro dessa ótica, é possível perceber um fenômeno linguístico importante que acontece quando um falante influencia na forma como o ouvinte vai falar. De acordo com a tira, podemos perceber que o comerciante fala igual ao papagaio, isso porque no processo de aprendizagem aprendem-se as

palavras que fazem parte do cotidiano, logo, o papagaio aprendeu a linguagem coloquial com o comerciante que provavelmente frequentou a escola muito pouco ou não chegou a frequentar.

No que se refere às atribuições de erros para a linguagem coloquial, precisamos substituir essa noção de erro por aceitável, pois, trata-se de uma variedade linguística que é o resultado da comunicação mais natural possível que acontece entre os falantes. Esses diferentes modos de falar estão relacionados a fatores como: grau de escolaridade, região, idade, fatores sociais e econômicos.

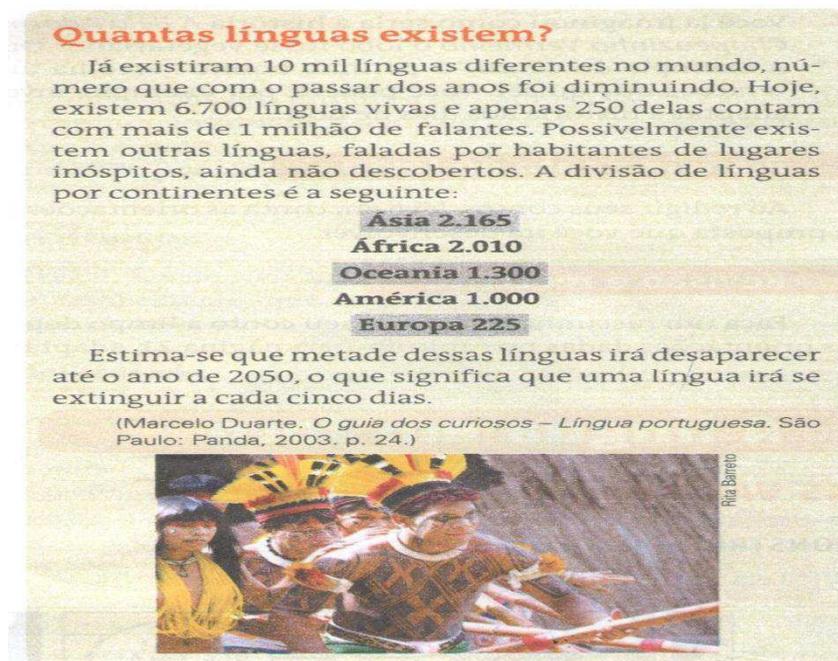
Sendo assim, nós como professores ao ouvirmos um aluno pronunciar a palavra “predeiro”, por exemplo, não podemos dizer que essa palavra está errada, mas sim, explicar que se trata de uma variedade linguística que tem uma importância relevante na formação da língua portuguesa, mas que de acordo com a gramática normativa existe uma forma mais aceitável de pronunciar a palavra “predeiro” que é “pedreiro”, assim o aluno aprenderá um novo conceito sem que o dele seja descartado. Do mesmo modo, cabe-nos ressaltar e entender que essas variações da fala fazem parte do nosso cotidiano e aprendemos com as pessoas mais próximas, no caso, nossos pais, tios, avós. Essas pessoas são os principais influenciadores no desenvolvimento da fala de uma criança, e a forma como a fala será manifestada dependerá da realidade social de cada um.

Nesse mesmo capítulo 2 da unidade 1 Cereja e Magalhães (2015), fazem uma colocação sobre as influências que a internet tem causado na formação de novas palavras e para isso, existe a norma padrão, e especialistas que estudam e sistematizam essas novas palavras para organizar o uso da língua portuguesa. Isso porque em casos específicos como: debates, produção de documentos, memorandos, ofícios, trabalhos escritos, dentre outras situações formais, é preciso o uso da linguagem formal.

Diante de tais afirmativas, concordamos com os autores, pois, vivemos em um país com milhões de falantes que estão ligados às redes sociais, que se adequam especificamente à linguagem informal, às gírias, aos dialetos por esses apresentarem características mais dinâmicas. Tendo em vista que na língua escrita seja necessário um monitoramento para que esta seja expressa de maneira mais organizada, ressaltamos aqui a importância da norma padrão principalmente na escrita em que a gramática normativa funciona como norteadora para uma comunicação mais clara.

A abordagem feita sobre as variedades linguísticas é feita de forma fragmentada descontextualizada (Figura 11).

Figura 11 - As línguas que existem no mundo



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 40).

A respeito da Figura 11, percebe-se que se trata de um recorte do gênero textual notícia sobre as línguas que existem no mundo. A abordagem é feita sem nenhuma contextualização histórica. Nesse tópico, caberia uma colocação de que além da língua portuguesa falada no Brasil, que faz parte do continente americano, existem as línguas de sinais, as línguas dos imigrantes, e as línguas indígenas. Do mesmo modo, poderia ser feita uma ressalva de que as línguas indígenas já existiam em 1.500, quando aos portugueses colonizaram o Brasil, o tupi era a nossa língua nativa e dividia-se 300 línguas indígenas que por sinal contribuíram para a formação do nosso idioma nacional: o Português brasileiro, dando uma ênfase maior aos povos ágrafos (indígenas) que existem até hoje tendo uma concentração maior na região Amazonas. Ainda poderia ser inserido na análise dessa ilustração o fato de que todas essas línguas têm a sua origem ligada ao latim vulgar, que por sua vez trata-se de uma variedade da língua informal.

Nessa mesma temática da página 41 sobre as línguas que existem no mundo, Cereja e Magalhães (2015) falam sobre as variedades de prestígio, evidentemente a única preocupação dos autores é ensinar a norma padrão para os alunos para uma melhor preparação no ingresso a vida social. Segundo os autores, a variedade de prestígio é falada por pessoas que moram em grandes cidades, que estão economicamente estáveis e bem escolarizados, quando na verdade, esses falantes da variedade de prestígio não dominam a norma padrão rigorosamente

bem, mas a realidade social permite que o acesso a um alto nível de educação, a comunicação com outras pessoas do mesmo nível social e mais cultas contribuem para que essa variedade de prestígio se aproxime o máximo da língua padrão. Por outro lado, quando se trata das pessoas pobres e menos escolarizadas essa realidade é diferente, estas sofrem preconceito e como já foi mencionado aqui, logo o jeito simples de falar, a forma natural, um dialeto, uma gíria é caracterizada como erro. Nessa mesma página, para dar ênfase às variedades de prestígio e adequações da fala, os autores usam mais uma vez o gênero textual tirinha com uma ilustração de Adão Iturrusgarai.

Figura 12 – Falar bem é falar adequadamente



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 41).

De acordo com a Figura 12, podemos observar que não há uma valorização da linguagem informal as representações na tirinha servem somente para diferenciar o certo do errado, dando ênfase maior ao certo. Ainda podemos perceber a semelhança feita entre a adequação das vestimentas com a adequação da língua em que os usos de ambas variam de acordo com ocasião.

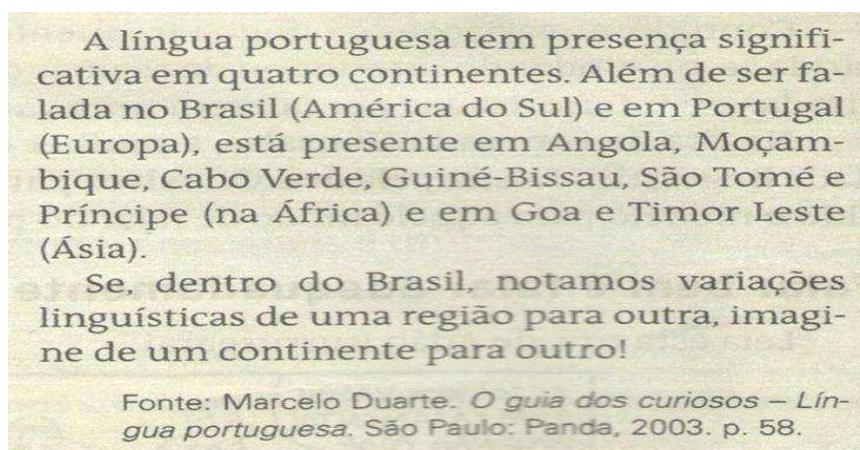
Do mesmo modo que o uso do termo **falar bem é falar adequadamente**, é muito complexo para um conteúdo de um livro didático do sexto ano do ensino fundamental II, pois, torna-se contraditório quando se explica para um aluno que a linguagem coloquial tem uma grande importância na história da língua portuguesa, uma variedade falada por pessoas pobres que vinham de diferentes lugares do mundo e que não tinham um elevado grau de escolaridade. Isso nos leva a seguinte reflexão: se um aluno da zona rural, de família humilde, aprende a linguagem coloquial com os pais, o correto é que o professor lhe ensine a escrever e falar na linguagem formal sem desvalorizar os seus conhecimentos prévios. Portanto, essas

limitações de que **falar bem é falar adequadamente**, descartam a ênfase da importância dada à forma variada como um aluno fala.

Diante disso, não se pode limitar a adequação da língua a fala das pessoas que habitam em grandes cidades, que são bem escolarizados ou que dominam a linguagem padrão. Deve-se passar para o aluno o entendimento de que a variedade de prestígio é toda a variedade coloquial, todos os dialetos, todas as gírias faladas em sociedade independente de posição social, instrução escolar, ou região. Quanto às adequações da fala, essas são necessárias, pois há situações em que precisamos usar a linguagem formal. Por outro lado, as atribuições de erros não devem ser designadas a maneira simples como as pessoas da zona rural, do interior ou como um idoso fala. Isso acontece na maioria das vezes pela falta de oportunidade de ter acesso à escola. As noções de erros devem ser atribuídas às limitações de prestígio e adequações dadas a linguagem formal.

Usando a mesma metodologia do gênero notícia, os autores falam sobre a Língua Portuguesa no mundo (Figura 13).

Figura 13 – A língua portuguesa no mundo



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 42).

Veja que, na ilustração acima mais uma vez é usado um recorte do gênero textual notícia, trazendo um conteúdo muito fragmentado sem nenhuma informação prévia dos acontecimentos históricos que fundaram a língua portuguesa e posteriormente o português brasileiro. Nesse tópico, os autores poderiam discorrer sobre o contato linguístico e o processo de colonização feito pelos portugueses, motivo pelo qual se fala o português nesses continentes, muitas vezes como idioma oficial, é o caso de alguns países como Angola que faz parte do continente africano e Portugal que faz parte do continente europeu. Poderia ser feita uma ressalva de que cada país que fala português tem um sotaque próprio e as palavras se

diferem tanto na pronúncia quanto no significado das palavras do Brasil. Isso deixaria claro para o aluno que as variações da língua sempre fizeram parte do contexto histórico e social de uma nação e não se pode estudá-las separadamente.

No capítulo dois, existem muitos subtítulos sobre variedades linguísticas, mas muito pouco sobre o contexto histórico, e pouca ênfase da importância dessas variedades na formação da língua portuguesa. De forma resumida, Cereja e Magalhães (2015) mais uma vez usam o gênero notícia para representar a relação entre as variedades linguísticas e os fatores geográficos.

Figura 14 – Expressões típicas da região Nordeste

**Salve o pernambucquês e o cearencês!**

Conheça algumas das palavras e expressões usadas em Pernambuco e em outras cidades do Nordeste:

**aperreio:** preocupação, angústia

**arenga:** pequena briga

**bicado:** embriagado

**bufento:** desbotado

**danou-se:** expressão usada por alguém para indicar espanto ou anunciar que vai embora

**fuleiro** ou **peba:** fraco, sem valor, sem qualidade

**liso:** pobre ou em dificuldades financeiras

**mangar:** rir de alguém ou de algo

**mói:** grande quantidade

**munganga:** careta

**oxe:** expressão usada para indicar espanto

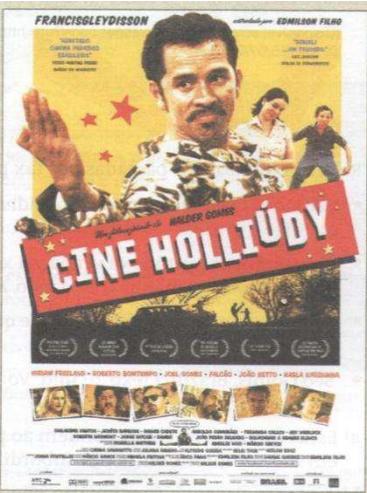
**pantim:** vergonha ou frescura

**rabissaca:** gesto de desdém, de dar as costas

**renca:** grupo de pessoas

**virado na catita:** alguém rápido

**xexero:** caloteiro, que não paga as contas



Cartaz do filme *Cine Hollidüdy*, de Halder Gomes, o primeiro filme brasileiro falado em cearencês, com legendas em português.

Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 47).

Diante da representação exposta, é notória as restrições de Cereja e Magalhães ao tratarem das variações regionais quando nos apresentam apenas as expressões da língua na região Nordeste. Há de se considerar que os fatores regionais têm grandes influências linguísticas e não precisamos ir muito longe para percebermos isso. Por isso, seria importante compartilhar um pouco mais do cotidiano linguístico do Brasil afora. Do mesmo modo, poderia ser explanado sobre essas expressões típicas do nordeste, que revelam a não uniformidade da língua, portanto, seus falantes recriam algumas palavras de acordo com a necessidade da comunicação, ou com a situação de uso. Assim, os alunos entenderiam que essas variações na fala justificam como uma determinada língua se manifesta. Como o livro didático ainda trata essas questões de forma muito breve deixando lacunas no ensino de língua portuguesa, é preciso que o professor tenha um olhar crítico e busque outras abordagens além do livro didático.

Quanto ao modelo de ensino, não precisamos de uma estatística para conhecer os problemas e desafios existentes, basta um panorama da realidade, no caso: a atuação de certa forma do docente, o analfabetismo, ensino básico, ensino médio, evasão e repetência, livro didático, entre outros fatores da questão. Infelizmente, não podemos resolver todos esses problemas, mas ao repensar sobre o ensino temos o propósito de solucionar alguns problemas/falhas na abordagem do conteúdo sobre a formação lexical do português brasileiro e seu contexto histórico no livro didático.

### 3.1 PROPOSTA PEDAGÓGICA

Tendo como objetivo oferecer suportes para desenvolver um estudo mais aprofundado sobre as contribuições do latim na formação lexical do português brasileiro, apresentaremos a seguir uma sequência didática para ser trabalhada em sala de aula. Esclarecemos que esta sequência didática é uma possibilidade de cunho sugestivo e em virtude deste caráter, está aberta as adequações de acordo com as particularidades e necessidades de cada turma ou ano de ensino. A sequência didática aqui apresentada é destinada para a turma do 6º ano do ensino fundamental II.

#### PROPOSTA

**Turma direcionada:** 6º ano do ensino fundamental II

**Conhecimentos prévios trabalhados pelo professor com o aluno noções:** básicas da importância da Língua Portuguesa em suas vidas.

#### Objetivos – professor (a):

- ✓ Estimular a aprendizagem dos alunos sobre a origem e a formação da língua portuguesa;
- ✓ Promover um conhecimento crítico, adequado e contextualizado aos discentes sobre as contribuições do latim no processo de formação da língua portuguesa;
- ✓ Despertar no aluno a valorização da variedade linguística e suas influências no processo de formação da língua portuguesa.

#### Objetivos – Alunos:

- ✓ Conhecer a origem da Língua Portuguesa;
- ✓ Reconhecer as diferenças entre o latim clássico e o latim vulgar;
- ✓ Refletir sobre a expansão do Latim;

- ✓ Reconhecer a influência de diferentes povos na formação da Língua Portuguesa e entender como se configurou o português brasileiro.

### **Duração das atividades**

05 aulas de 50 minutos.

### **Metodologia**

Recursos: Caderno, caneta, PC, Datashow, pinceis, livro didático, leitura e exercícios individuais e em grupo.

- ✓ *Primeiro momento:*

Nesta etapa o professor deve fazer uma sondagem entre os alunos para verificar o que eles conhecem sobre a origem da língua portuguesa. Após a verificação dos conhecimentos prévios dos alunos e com o recurso do Datashow e slides, o professor deve começar a introduzir sobre a origem da língua portuguesa e as contribuições e expansão do latim, apresentando as diferenças nas modalidades do latim clássico e do latim vulgar.

- ✓ *Segundo momento:*

Após alunos terem o conhecimento de como se originou a língua portuguesa, nessa etapa o professor fará uma abordagem sobre a expansão marítima no Brasil, explicando que esse foi o meio pelo qual a língua portuguesa se introduziu no Brasil em seguida discorrer sobre a formação do português em Portugal até a chegada desses portugueses ao Brasil.

- ✓ *Terceiro momento:*

Nesse momento o professor deve explicar como se efetuou o modelo de educação no Brasil e o processo de formação do Português brasileiro dando ênfase as contribuições das variedades linguísticas principalmente indígenas.

- ✓ *Quarto momento:*

Espera-se que nesse momento, os discentes tenham adquirido conhecimentos prévios congruentes para um aprendizado adequado e contextualizado, para o professor debater sobre o processo de formação do português brasileiro a partir do livro didático.

✓ *Quinto momento:*

O professor deve propor que os alunos dividam-se em grupos para que discutam as seguintes questões:

- 1) A Língua Portuguesa sempre foi do mesmo jeito?
- 2) Citem algumas características do latim clássico e do latim vulgar. Qual dessas modalidades se evoluiu e por qual motivo? Comente.
- 3) Comente essa afirmação: “Ao longo do tempo, depois da chegada dos portugueses ao Brasil, nossa língua foi se enriquecendo com inúmeras contribuições de outras línguas.”

**Avaliação:**

O aluno será avaliado por meio do desempenho e participação durante as aulas e atividades propostas. O professor poderá também, por meio de uma conversa informal, ao final das aulas, tentar perceber quais conhecimentos os alunos puderam apreender.

Consideramos que a proposta apresentada seja adequada e eficaz tanto para o corpo discente quanto o docente no processo de ensino/aprendizagem sobre a história da língua portuguesa. Dessa forma, estaremos contribuindo para que esse conteúdo esteja mais presente em sala de aula para que os alunos carreguem consigo o aprendizado e a valorização das origens da língua e dos usos que fazem parte do cotidiano, assim como o desenvolvimento de um ensino mais efetivo e produtivo ao discente.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa nos proporcionou consideráveis ganhos e enriquecimento a respeito do que já conhecíamos sobre a formação da língua portuguesa. Visto que essa língua é rica, dinâmica e apresenta uma grande diversidade de dialetos e uma variedade linguística inacabável. Por isso a importância de conhecer a história da língua portuguesa para uma maior compreensão desde a gênese na língua latina até as suas características e transformações, fazendo parte desse cenário as influências externas que o idioma (português) recebeu, bem como a forma como ele se configurou desde a romanização da Península Ibérica e a expansão marítima no Brasil. Esses fatos justificam o motivo do português brasileiro ser tão diversificado.

As influências latinas, indígenas, africanas e europeias ainda ecoam em nossa língua e configuraram o Português de maneira heterogênea, única e cheia de peculiaridades, incorporando assim, em nossa identidade, características muito mais brasileiras do que europeias. Por isso, hoje podemos dizer seguramente que o nosso idioma é o Português Brasileiro. Embora haja a necessidade não só de aceitação, mas também de valorizar a importância das variedades linguísticas presentes nas áreas rurais, urbanas, nas pessoas de diferentes níveis escolares, idades e classes sociais. Por ser o Brasil um país com um território extenso, os modos de falar variam de acordo com a região. Tanto se fala o português, quanto as línguas das comunidades indígenas, e ainda os idiomas trazidos por imigrantes. E a grande maioria dessas variações se manifestam na linguagem coloquial, principalmente na região Nordeste. De acordo com Costa (2009) na forma coloquial a língua se torna mais espontânea, mais dinâmica, desenvolvendo uma criativa expressão cotidiana dos falantes diferente da expressão normatizada. Porém, esses aspectos da linguagem justificam o motivo para que a língua portuguesa sempre esteja em processo de formação.

Através dessa pesquisa realizamos a análise no livro didático Português Linguagens dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, no qual encontramos lacunas que podem ser preenchidas. Nesse cenário, nos certificamos de que nas escolas o livro didático ainda é utilizado como ferramenta padrão de ensino, não identificamos nenhuma intenção dos autores em destacar sobre a importância da variedade linguística na formação da língua portuguesa, especialmente a variedade informal, como também não encontramos nenhuma relação feita entre a língua portuguesa e a língua latina. Fica evidente a preocupação dos autores em repassar para os alunos apenas o que é certo e errado, atribuindo o erro a linguagem informal. De modo geral, os conteúdos sobre a formação da língua portuguesa são

desenvolvidos sem nenhuma contextualização, percebe-se claramente que as informações apresentadas nas ilustrações fazem parte de recortes sem nenhuma introdução sobre o assunto a ser abordado.

Para tais falhas identificadas, tivemos a oportunidade de apresentar sugestões para a melhoria desse quadro de ensino tão limitado. Sendo o livro didático incapaz de atingir todos os objetivos para o alcance da aprendizagem satisfatória, é necessário que o docente busque outras fontes de pesquisas para apresentar conteúdos poucos desenvolvidas no livro didático e adquira novos conhecimentos para um melhor desenvolvimento nos métodos de ensino para que esse aconteça de forma eficaz e satisfatória.

É necessário desenvolver o conhecimento crítico do aluno para que ele entenda que o processo de formação da língua portuguesa está inserido num contexto histórico com acontecimentos marcantes, no Brasil, por exemplo: durante o processo de colonização dizimou-se muitas populações indígenas provocando o apagamento cultural, e em muitos casos, a escravidão. Esses povos eram nativos do litoral brasileiro, e tinham terras, cultura, idioma, e suas divindades. Tudo isso lhes foi tirado através da catequização imposta pelos jesuítas (europeus). Logo, o idioma que nós falamos hoje não veio pronto para nossas terras, pagou-se um preço muito caro para falarmos o nosso idioma nacional: O português brasileiro.

A realização desse estudo aconteceu através de minhas experiências na docência, quando percebi a necessidade de se trabalhar nas escolas o processo de formação da língua portuguesa de maneira mais contextualizada. Por fim, salientamos que essa pesquisa não tem caráter conclusivo e está aberta a outros olhares que promovam o aperfeiçoamento no ensino da língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Maria. Cristina de. **História da Língua Portuguesa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. Disponível em: [http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia\\_da\\_lingua\\_portuguesa\\_1360184313.pdf](http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia_da_lingua_portuguesa_1360184313.pdf). Acesso em: 15 Maio 2019.
- BAGNO, Marcos. Gramática pedagógica do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editores, 2011.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio**. Bases legais. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2000.
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CARVALHO FRANCO, Francisco de Assis. **Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil**. São Paulo: Editora Itatiaia Limitada - Editora da Universidade de São Paulo, 1989. Disponível em: <http://rosaliemota.tk/download/F8IIAAAAMAAJ-dicionario-de-bandeirantes-e-sertanistas-do-brasil-seculos-xvi-xvii-xviii>. Acesso em: 28 set. 2019.
- CASTRO, Ivo. Origens do Português no quadro românico. In: Castro, Ivo (Org.). **Introdução à História do Português**. Lisboa: Edições Colibri, 2004, p. 53-65.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Capítulo 2: Pato aqui, pato acolá. **Português: linguagens**, 6º ano do ensino fundamental. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015, p. 40-47.
- COSTA, S. **Do Latim ao nosso Português**. Disponível em: <http://www.prophor.ufba.br/dolatim.html>. Acesso em: 23 set. 2019.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- ELIA, Silvio. **Fundamentos Histórico-linguísticos do Português do Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 2003.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. **A língua que somos**. Diário do Amazonas Projeto de Documentação de Línguas Indígenas - Museu do Índio. Disponível em: <http://www.taquiprati.com.br/cronica/1047-a-lingua-que-somo>. Acesso em: 12 out. 2019.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico – Fonologia**. São Paulo: Editora Contexto, 1991. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0mkjeKIPAcJ:https://digilib.phil.muni.cz/handle/11222.digilib/114780+&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 28 set.2019.

MONTEIRO, John. **Negros da Terra**. Índios e Bandeirantes nas origens de São Paulo, no séc. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/download/111575/109654/>. Acesso em: 28 set. 2019.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil**. 3. ed., Rio de Janeiro: Presença, 1976. Disponível em: <http://www.unb.br/il/lablind/lingerais.htm>. Acesso em: 12 out. 2019.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros Oraís e escritos na escola**. Trad. e org. ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís S. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.